

**ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
INSTITUTO ECUMÊNICO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

ANA SUZIENE BRAZ LALOR MOTTA

ADOLESCÊNCIA E OS ESTADOS DE ABANDONO

São Leopoldo

2007

ANA SUZIENE BRAZ LALOR MOTTA

ADOLESCÊNCIA E OS ESTADOS DE ABANDONO:

“AS FERIDAS DA ALMA.”

Dissertação apresentada ao programa de Mestrado em Teologia da Escola Superior de Teologia – EST, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Teologia.

Orientadora: Profa. Dr^a. Valburga Streck

Dr^a Valburga Streck

DEDICO

Ao Meu Deus, Senhor absoluto de minha vida, aos meus filhos Pedro e Hanna e ao meu querido Esposo Pedrinho.

GRATIDÃO ESPECIAL

Ao Programa de Pós-Graduação da EST, que oportunizou este estudo;
À Profa. Valburga Streck, pela orientação e apoio.

A criança é o que fui em mim e em meus filhos,

Enquanto eu e humanidade.

Ela, como princípio é a promessa de tudo.

É minha obra livre de mim.

Se não vejo na criança uma criança, é porque alguém a violentou antes.

E o que vejo é o que sobrou de tudo que lhe foi tirado.

Mas essa que vejo na rua sem pai, sem mãe, sem casa, cama e comida,

Essa que vive a solidão das noites sem gente por perto,

é um grito de espanto.

Diante dela, o mundo deveria parar para começar um novo encontro,

porque a criança é o princípio sem fim

E o seu fim é o fim de todos **nós**.

Herbert de Souza (Betinho).

RESUMO

De que maneira pode-se identificar o abandono familiar, educacional e religioso, como processo emocional do ser humano?

Buscar responder a essas perguntas de forma reflexiva e crítica é a meta perseguida durante esta pesquisa. Nessa caminhada, dialoga-se com importantes teóricos do campo da educação, da psicologia e da teologia; enquanto são resgatadas memórias da infância, a importância da família na formação da auto-imagem na criança e sua influência até a adolescência, considerando as diferentes formas que a família apresenta e o processo de transformação e adaptações mediante desafios e crises que se instalam. As necessidades das crianças e seu desenvolvimento são analisados a partir dos estudos de alguns teóricos até atingirem a adolescência. A pesquisa de campo ocorreu com uma turma de crianças de 10 a 12 anos, estudantes do Ensino Fundamental II do COLÉGIO BATISTA BRASILEIRO em Salvador, sendo realizadas observações e entrevistas semi-estruturadas com as crianças, com as famílias do Colégio Batista Brasileiro e com os profissionais que ali interagem.

São resgatados através de pesquisa bibliográfica aspectos relevantes da história da formação da família no Brasil e no mundo. Neste processo reflexivo, articulam-se os conceitos de abandono e de conflitos pessoais, elaborados por autores consagrados com as idéias e os sentimentos expressos pelos adolescentes através de suas falas.

Palavras-chave: Desenvolvimento; Contexto Familiar; Adolescência e juventude, Conflitos; auto estima e resiliência.

ABSTRACT

How to identify the familiar, educational and religious abandonment, as emotional process of the human being? How can it be done?

To find the answer to these questions of reflexive and critical form is the goal pursued during this research. In this way, it is dialogued with important theoreticians in the field of the education, psychology and the theology; while

memories are rescued of the childhood . The importance of the family in the formation of the auto-image in the child and its influences until the adolescence, considering the different forms that the family presents, and the process of transformation and adaptations by means of challenges and crises that they install. The necessities of the children and their development are analyzed from some theories of the development until reaching the adolescence. The research in this field occurred with a group of 10 to 12- year-old children that attended to the basic education II of the COLÉGIO BATISTA BRASILEIRO - in Salvador being carried through comments and half-structuralized interviews with the children from the families of the IBCA (IGREJA BATISTA CAMINHO DAS ÁRVORES) and together with the professionals who interact there.

Relevant aspects of the history of the family formation are rescued by the bibliography researches in Brazil and around the world. In this reflexive process there are concepts of abandon and personal conflicts, by consagrated authors with ideas and speaking of the adolescents.

KEYWORDS: Development, Familiar Context; Family, Adolescence and Youth, Conflicts; Auto Esteem, Resilience.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 O CONTEXTO FAMILIAR, INTRODUÇÃO DO ABANDONO	13
1.1 CONCEITUALIZANDO A CRIANÇA	23
1.2 DEIXANDO A INFÂNCIA E CONHECENDO A ADOLESCÊNCIA	26
1.2.1 Mudanças Físicas	31
1.2.2 Mudanças Emocionais	34
1.2.3 Mudanças e Rebeldia	37
2 NECESSIDADES DA ADOLESCÊNCIA: PROTEÇÃO E AFETIVIDADE	40
2.1 REJEIÇÃO E CUIDADOS	45
2.1.1 Lugar de Fuga	46
3 O LUGAR DE REFÚGIO: A FORMAÇÃO DOS GRUPOS	47
3.1 PROBLEMÁTICA DOS GRUPOS	53
3.1.1 História dos Emos:: “ Emotional Hardcore”	55
3.1.2 Característica de um Emocore	62
4 A IGREJA E SEU PAPEL COM A ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE	65
4.1 O EDUCADOR E SUAS CONCEPÇÕES DE CRIANÇA E ADOLESCENTE	66
4.2 DOR E SOFRIMENTO - ISMAEL E AGAR	69
5 CONCLUSÃO	71
REFERÊNCIAS	75
APÊNDICES	81

INTRODUÇÃO

A problemática relacionada ao contexto dos menores em estados de abandono, expostos a situações de risco e toda a sorte de perigos, tem na sociedade atual uma dimensão e um impacto a que ninguém pode nem deve ficar indiferente.

Esta realidade, que assume contornos e implicações por demais graves, pode comprometer todo o futuro de uma sociedade, uma vez que são as gerações mais jovens que irão determinar a evolução e o caminho a traçar por essas mesmas sociedades.

Sendo assim, as crianças contemporâneas merecem especial atenção, e cada vez mais é importante a sua proteção e guarda, bem como o investimento em políticas públicas no sentido de assegurar o cumprimento da lei e a aplicabilidade dos procedimentos e intervenções estabelecidas.

Na abordagem proposta, será feita a análise progressiva do conceito de criança e adolescente, o contexto familiar e as relações parentais, bem como os escapes para grupos ou culturas próprias da juventude, quer religiosos ou não, e o acolhimento religioso dados aos participantes desses grupos ou culturas.

O objeto deste estudo consiste em crianças e jovens em situação de abandono, ou seja, vítimas e objeto de intervenção do Estatuto da Criança e do Adolescente.

Trata-se do exercício acadêmico, motivado pelo interesse no aprofundamento da matéria em causa, a que como Educadora e Teóloga não me posso subtrair e que considero fundamental, como forma de consolidar o conhecimento adquirido empiricamente, visando uma intervenção mais qualificada e metodologicamente mais consistente, junto aos menores e suas famílias.

Como produto final, espera-se que os resultados deste trabalho reflitam uma preocupação, comprometida com a necessidade de se sensibilizar para a realização de intervenções preventivas, articuladas e multifacetadas, capazes de preencher as lacunas que recorrentemente são referidas como existentes, nos diversos sistemas chamados a participar no âmbito desta problemática.

Na atualidade, é possível observar famílias vítimas da pobreza, da violência, da discriminação e que vivenciam momentos delicados, difíceis até, passíveis de riscos capazes de comprometer suas vidas e levar à morte. Essas famílias têm enfrentado sérios desafios na educação de seus filhos.

O abandono a que são submetidas estas crianças encontra-se na falta de amparo ou de assistência. De acordo com o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), pratica o abandono os pais que deixam, sem justa causa, de prover o sustento, a guarda e a educação dos filhos menores (art. 22). Segundo o ECA (art. 23), a falta ou carência de recursos não caracteriza, por si só, abandono de uma criança ou de um adolescente e não pode servir de base para a decretação da perda ou suspensão do poder familiar. O Código Penal tipifica o abandono como crime de duas formas, a saber: abandono material (art. 244) e abandono intelectual (art. 246). O abandono material ocorre quando alguém deixa, sem justa causa, de prover a subsistência do cônjuge, filho menor de 18 anos ou inapto para o trabalho ou de ascendente inválido. O abandono intelectual ocorre quando alguém deixa, sem justa causa, de prover a instrução primária de filho em idade escolar.

Mas para efeito de esclarecimento do enfoque que se pretende dar a esta abordagem, será utilizado o conceito de “abandonada” para a criança ou adolescente não assistidos pela família, que não têm uma relação de continuidade com a família, mesmo que estejam em uma instituição de abrigo.

O Estatuto da Criança e do Adolescente dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente, e em seu artigo 5º preconiza: “Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação e exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei de qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais”.

Seria pertinente salientar outros artigos abordando também o direito da criança de ser criada e educada no seio da sua família e do seu direito à convivência familiar e comunitária (art. 19), ou ainda discorrer sobre o princípio VI da Declaração Universal dos Direitos da Criança, que dentre outras coisas, chama a atenção para que, salvo em circunstâncias excepcionais, não se separe a criança de tenra idade de sua mãe, ou seja, sua família. Esse papel caberia ao Estado, uma vez que seria o responsável legal na provisão da estabilidade financeira da família, suprindo-lhe as necessidades básicas para que fosse gerado, então, o cuidado emocional dos pais, proporcionando assim um convívio mais seguro entre pais e filhos.

Ora, o que infelizmente ainda podemos constatar é que as ações e políticas de atendimento à família são fragmentadas e praticamente inexistentes. Os poucos recursos das políticas compensatórias são aplicados em programas isolados para o idoso, o deficiente, a criança, dentre outros carentes. A proteção à família, inscrita na Constituição, é algo ainda a ser concretizado.

Assistem-se, cada vez com maior frequência, noticiários de abandono de recém-nascidos no cemitério, no shopping, nas esquinas. E por quê? Onde estão as ações de proteção à gestante e ao neonato? Que acesso estas mulheres têm à informação, atendimento e à proteção? Em diversos casos atendidos no Juizado, o que se perdeu foi que estas mães, mesmo com uma atitude desesperada, ainda tentaram preservar a vida do filho (fazendo furos na caixinha onde a criança estava para que respirasse, deixando em lugar onde seria logo encontrada...). O abandono pela abandonada. Em muitos casos, é uma antecipação à ação do Estado, ou seja, antes que o Estado as destitua do pátrio poder, abandonam ou entregam os filhos sob a responsabilidade do mesmo.

Embora a falta de condições materiais não constitua motivo para a destruição do pátrio poder, o que ocorre na realidade é bem diferente, pois se mesmo na miséria os pais têm direito ao pátrio poder e os filhos o direito de permanecer com eles, em contrapartida, a criança e o adolescente gozam de todos os direitos inerentes à pessoa humana - direitos estes violados pela miséria e pela omissão da sociedade e do Estado.

Assim, constata-se que nos dias de hoje, exercer plenamente o pátrio poder é um grande ato de heroísmo. A começar pelas relações familiares, bastante modificadas pela busca da sobrevivência, o processo de exclusão da cidadania perpassa a vida da família em todos os aspectos.

Não se pretende com isso afirmar que não existam pais negligentes, irresponsáveis e que realmente devam ser destituídos do pátrio poder, mas deve-se ampliar o olhar e desenvolver uma ação especial para a manutenção de vínculos entre crianças, adolescentes e suas famílias como medidas de prevenção do abandono e medidas de reintegração familiar.

Piaget, em seu livro *Biologie ET Connaissance*, escreveu que: *“a inteligência humana somente se desenvolve no indivíduo em função de interações sociais que são, em geral, demasiadamente negligenciadas.”*¹

Talvez nos cause “estranheza” tomar como base os escritos de Piaget sobre a interação social e o desenvolvimento humano – ele, que sempre foi tão criticado por “desprezar” esses papéis. No entanto, é possível analisar tal função quando se pensa o ser humano como um ser de relações, um ser gregário por natureza. Para introduzir tal questão, faz-se necessário a análise da seguinte afirmação:

O homem é um ser essencialmente social, impossível, portanto, de ser pensado fora do contexto da sociedade em que nasce e vive. Em outras palavras, o homem não-social, o homem considerado como molécula isolada do resto de seus semelhantes, o homem visto como independente das influências dos diversos grupos que freqüenta, o homem visto como imune aos legados da história e da tradição, este homem simplesmente não existe.²

Nietzsche³, freqüentemente caracterizado como ateu, foi sobretudo um crítico da religião organizada e das doutrinas de seu tempo. Ele acreditou que a religião organizada, especialmente a Igreja Católica, era contra qualquer poder de ganho ou autoconfiança sem consentimento. Nietzsche usou o termo rebanho para descrever a população que segue a Igreja de boa vontade. Ele argumentou que provar a existência de um criador não era possível nem importante.

Na verdade, Nietzsche valorizava e exaltava a vida como única entidade que necessitava de louvor. Prova disso é o eterno retorno em que ele afirmava que o homem deveria viver a vida como se tivesse que vivê-la novamente e eternamente. A implicação disso é uma extrema valorização da vida; imaginemos cada segundo, cada minuto vivido igualmente e eternamente? E quanto à Igreja, Nietzsche a condenava pois é um traço das influências de Paulo de Tarso na sociedade contemporânea: ele era sim ateu, e para ele, dentre os inteligentes o pior era o padre, pois conseguia incutir nos pensamentos do rebanho, fundamentos falsos, exteriores e metafísicos demais, que só contribuía para o afastamento da vida. Percebe-se que a ausência de autonomia de um ser impossibilita-o de viver em

¹ Piaget, J. **Biologie ET Connaissance**. Paris, 1967. p.314 (em português, *Biologia e conhecimento:ensaio sobre as relações entre as regulações orgânicas e os processos cognitivos*. Petrópolis, Vozes,1973)

²IDEM

³ Coleção os Pensadores.

sociedade. Não foi essa sociedade quem colocou sob suspeita e até difamou, inserindo-se como obstáculo ao conhecimento objetivo, o cuidado, a sensibilidade e o enternecimento, realidades tão necessárias sem as quais ninguém vive nem sobrevive com sentido? Na medida em que se avança tecnologicamente, afastam-se as relações humanas, excluem-se assim as possibilidades de uma vida mais integral, mais completa.

Também deve se levar em conta o fato de que o “como relacionar-se” difere de indivíduo para indivíduo (ou de grupo para grupo). Há aqueles que percebem a onda antes que ela se forme no oceano. São como aqueles surfistas que percebem a onda antes de ela se insinuar na superfície do oceano. Mais tarde, essas pessoas são chamadas de intuitivas, inovadoras, criativas, pioneiras ou visionárias, pois “pegam as ondas” antes que a maioria possa vê-las.” (Toffler)⁴

Como ser gregário, depender do outro é necessitar ser reconhecido nesse outro, para sentir-se ser integral, completo e feliz. Seria então a família esse espaço primordial, onde as relações sociais e humanas re-significariam a identidade do SER?

Este trabalho propõe caminhos para respostas às perguntas formuladas por mim e pelos indivíduos com os quais convivi. É possível atenuar a dor dos que se sentem abandonados. Há chances para a vida: O cuidado! E é esse cuidado que tem servido de crítica à nossa civilização agonizante, que é também o princípio inspirador de um novo paradigma de convivência, cura e resgate da essência do amor numa percepção maior e familiar. Vale então perguntar: É ausência de família que desencadeia os estados de abandono e, conseqüentemente, as feridas na alma?

⁴ TOFFLER, Alvin. **O choque do futuro** (1970)

1 O CONTEXTO FAMILIAR, INTRODUÇÃO DO ABANDONO

A família tem constituído desde sempre o núcleo fundamental da sociedade, sendo através dela que a criança recebe os modelos de comportamento e se prepara a convivência sócio-relacional. A família deve, por conseguinte, satisfazer as necessidades biológicas do indivíduo e as exigências da sociedade, preparando a descendência para a continuidade dos ciclos vitais que lhes asseguram a existência.

Para Lacan⁵, a família surge como:

Um grupo natural de indivíduos, unidos por uma relação biológica dupla: a geração que permite que o grupo tenha vários componentes e as condições do meio que possibilitam o desenvolvimento dos jovens e que mantêm o grupo.

Um breve olhar sobre a evolução da família ao longo da história, mostra-nos que esta não se encontra num processo estático, sendo significativas as modificações operadas, quer ao nível da sua estrutura, funções e papéis, os quais têm variado, de acordo com a cultura onde se insere.

A família de comunidade alargada surge como forma de se proteger das incertezas da época. Nestes grupos, a comunidade nasceu das necessidades humanas de existência, em que as diversas famílias se agrupavam e participavam muito de perto dos três acontecimentos principais da vida humana: o nascimento, o casamento e a morte. Isto significava que um membro de uma família pertencia a uma comunidade mais vasta, havendo relações de solidariedade e de controle, entre esta e os demais membros da coletividade.

Nestas sociedades o grupo familiar alargado era uma unidade social por excelência que exercia um grande número de funções, verificando-se que acrescidas às funções de socialização e de reprodução, se encontram as funções produtivas, económicas, políticas e religiosas. Aqui a criança era confiada ao conjunto da comunidade familiar, que a apoiava na sua aprendizagem e a estimulava na iniciação à vida, determinando igualmente o seu destino, como forma de manter as relações de coesão entre família e todos os seus membros.

⁵ LACAN, J. **A Família**. 2.ed. [S.l.]: Assírio e Alvim, 1981. (Coleção Pelas Bandas da Psicanálise)

Com a crescente especialização das sociedades modernas, introduziram-se novas formas de urbanização que deram origem a múltiplas transformações familiares e que implicaram a necessidade de adaptações múltiplas, de reavaliações penosas, individuais e interpessoais.

Os efeitos da industrialização provocaram igualmente um grande êxodo rural, as condições familiares alteram-se, arrastando consigo a separação dos elementos familiares e as famílias extensas, alargadas ou de consangüinidade, foram progressivamente dando lugar às famílias nucleares. O grupo familiar alargado cessou as suas funções de agente de produção econômica, transferindo ou partilhando a responsabilidade financeira e educativa da família com outros agentes sociais.

As primeiras intervenções do Estado surgem na segunda metade do século XIX, emergindo uma diversidade de Instituições que procuram substituir o papel deixado vago pelos pais biológicos, ausentes ou incapazes de prover as necessidades do seu agregado familiar.

Hoje em dia, nas estruturas e organizações familiares são bem visíveis estas variações, uma vez que o modelo de referência da família nuclear ou conjugal, constituída por pais e filhos do casal, já não é o mesmo. Ou seja, encontramos atualmente muitas formas de família, designadamente a família monoparental, constituída por um só progenitor a quem compete a responsabilidade de todos os cuidados familiares, ocasionada, na maioria das vezes, por situações de viuvez, abandono, separação ou divórcio de um dos elementos do casal.

Estes novos modelos familiares são reconhecidos pela Constituição Federal de 1988, e denominados da seguinte maneira: *família reconstruída* - composta pelo casal e filhos, bem como filhos de casamentos ou ligações anteriores; *família celibatária* - modelo em que indivíduos, de sexo feminino ou masculino, assumem viver sozinhos; *família em coabitação*: quando pessoas solteiras de sexo oposto partilham, de forma não legal, a casa e a gestão doméstica, dentre outras. Percebe-se assim que a estrutura familiar está se diversificando.

Para Alvin Toffler⁶:

No auge da segunda onda, cerca de 90% das famílias eram nucleares, consistindo de quatro pessoas, o marido, a mulher e dois filhos. O marido geralmente trabalhava fora e a mulher cuidava da casa. Hoje, além da família nuclear, que diminui de importância, há muitas famílias em que os dois cônjuges trabalham fora, há pessoas solteiras morando sozinhas, há pessoas solteiras, divorciadas ou viúvas, de ambos os sexos, que têm filhos, há famílias expandidas, que incluem os filhos de casamentos anteriores de um dos cônjuges ou de ambos, há famílias de homossexuais, que às vezes incluem filhos de casamentos anteriores, etc. A estrutura familiar se diversificou quase ao extremo.

Torna-se assim evidente que cada um destes tipos de família é detentora de várias funções, as quais estão intimamente ligadas à forma de existir da família e do grau de desenvolvimento das instituições sociais. Entretanto, as mudanças operadas são patentes não só ao nível da sua estrutura, como também do seu funcionamento e comunicação.

Verifica-se um novo redimensionamento das relações e das expectativas e uma alteração nos papéis de cada elemento que constitui o casal, bem como o seu posicionamento na relação com os filhos e na própria relação do grupo familiar com a sociedade. A família tradicional era essencialmente uma unidade produtiva e reprodutora, enquanto que as famílias atuais desenvolvem-se mais na autonomia e individualidade dos seus elementos.

Muitas são as teorias que se têm formulado acerca da natureza e do desenvolvimento afetivo e intelectual do ser humano e, de algum modo, todas elas convergem para a importância das relações familiares, estabelecidas no seio do núcleo familiar.

Strech⁷ refere-se, a propósito do desenvolvimento da criança, que:

A necessidade de uma prestação de cuidados suficientemente boa implica a existência de um meio capaz de produzir e manter relações estáveis e de boa qualidade (...) se este processo for ameaçado, as dificuldades emocionais das crianças surgirão seguramente.

⁶ TOFFLER, Alvin. **A terceira onda**. São Paulo: Record, 1980.

⁷ STRECH, P. **Crescer Vazio**. [S.l.]: Assírio e Alvim- 1997 p.

A família não é uma ilha, nem é uma abstração. Não é um conceito, é uma realidade humana. As instituições sociais estão interligadas, daí a razão pela qual somente condições econômicas e sociais favoráveis podem permitir que a família cumpra seu papel como lar, “escola”, teto no desabrigo, socorro no desamparo, estrela e caminho. Ter família não pode ser privilégio de alguns: ter família, amar, partilhar, usufruir de segurança e carinho é direito de todas as pessoas.

Sampaio⁸ alerta para a importância das primeiras interações nas relações mãe e filho:

O bebê vive experiências boas e más, de frio ou de calor, de fome ou de satisfação, de dor ou prazer, de companhia ou abandono, etc, reage de acordo com o que sente, expressando-se através de gestos, engasgues e expressões mínimas, dirigidas à mãe [...] se este jogo correr satisfatoriamente para os dois e não houver incidentes graves, verifica-se um princípio, uma boa harmonia na evolução.

Como dizem alguns autores, o vínculo estabelecido entre mãe e filho é um dos aspectos decisivos para que ele cresça seguro e fortaleça sua auto-estima, e influencia também no estabelecimento de sua saúde mental enquanto jovem e adulto que futuramente virá a ser. Esse vínculo deve se estreitar o mais precocemente possível, e os laços formados nestes momentos devem ser progressivos e sólidos, evitando assim situações de rompimentos e traumas para o desenvolvimento normal da criança.

Isto não significa que todas as crianças com ausência de pai ou mãe estão fadadas ao comportamento violento ou se sintam abandonadas. Porém, tal situação pode facilitar uma série de situações que estão ligadas diretamente ao comportamento das crianças, alimentando o ego dos futuros adolescentes e se estabelecendo como atitude rebelde na juventude. Ou seja, a qualidade de vida da criança não é garantida pela manutenção do núcleo familiar original, mas pode ser otimizada em função da estrutura saudável deste núcleo.

A psicanalista Soraya Lopes⁹ acredita que as mudanças estruturais por onde passa a família hoje não são nocivas para os filhos. Segundo ela, as famílias saudáveis são aquelas que têm a capacidade de lidar com suas dificuldades.

⁸ SAMPAIO.D. **Inventem-se novos pais**. 2.ed. [S.l]: Caminhos, 1994.

⁹ Soraya Lopes, Especialista em Terapia Infantil do Centro de Psicanálise de Grupo Familiar-SP

Ela ainda acrescenta que uma situação condenável é quando o pai ou a mãe começa a reagir contra o ex-parceiro através dos filhos, deixando de lado a função de assegurar a saúde física e psíquica da criança. Esta atitude pode levar à Síndrome de Alienação Parental, uma influência negativa exercida por um dos genitores com o intuito de levar a criança a odiar o outro genitor sem justificativa; a criança vira “arma” na mão de um pai ou mãe mal-intencionado ou vingativo, que como consequência, pode induzir a prole a um comportamento hostil, depressivo e vulnerável.

Pais sofridos com as “perdas” familiares, quer sejam separações, mortes ou afastamentos por doenças, agem de maneiras diferentes. Excluem de suas práticas o cuidado e a concessão dos limites, deixando, muitas vezes, de corrigir os filhos, de dar atenção quando necessária, como forma de compensar o sofrimento pela nova situação ou mesmo excluí-la de seu foco de atenção. A falta de limite, atenção e inclusão nas situações, em muitos momentos, pode produzir no filho o sentimento de ser menos cuidado e menos amado, chegando ao extremo do sentimento de abandono.

Percebe-se aqui o início da busca da criança pelo seu espaço, reforçando a idéia de que desde a sua mais tenra idade necessita de pais presentes, significativos, dialogantes, para a formação de sua base de segurança.

Comprova-se que os primeiros instantes de existência do ser humano, até o final dela, acontecem em total dependência. Este ser está ligado a um outro ser e dele se alimenta, nutre-se; com ele se movimenta e através dele vem ao mundo.

Piaget¹⁰ diz:

Se tomarmos a noção do social nos diferentes sentidos do termo, isto é, englobando tanto as tendências hereditárias que nos levam à vida em comum e à imitação, como as relações “exteriores” (no sentido de Durkheim) dos indivíduos entre eles, não se pode negar que, desde o nascimento, o desenvolvimento intelectual é, simultaneamente, obra da sociedade e do indivíduo.

Se o primeiro universo da vida humana é o útero materno, tanto as relações sociais, intelectuais como as intra-familiares só serão completas de esse indivíduo sentir-se seguro. O útero como espaço pequeno e aconchegante, quente e elástico, produz ao feto a primeira sensação de segurança. É nesse espaço que a vida

¹⁰ Piaget, J. *Études Sociologiques*. Genebra-Paris, Droz, 1977 p.242 (em português Estudos Sociológicos. Rio de Janeiro: Forense, 1973.

esboça seus primeiros movimentos e lá permanece o tempo necessário para elaborar as células, órgãos e sistemas que vão garantir a autonomia, individualidade e independência.

O útero, como canteiro de vidas, recebe, nutre, mas jamais a guarda para si, jamais toma-a como posse - no momento certo, quando a vida já dispõe de meios que garantam sua autonomia, num trabalho de parto, empurra-a para uma nova e radiante experiência: a Vida!

O parto é um momento crítico. A saída do mundo intra-uterino é a entrada para o mundo novo das interações. Nele, o recém-nascido deve ensaiar seus primeiros gestos de autonomia pela respiração e amamentação e desta forma garantir sua própria sobrevivência. Alguns meses depois, procura caminhar com seus próprios pés e movimentar-se pelos seus próprios meios. É a nova vida que se ergue, apoiando-se nos dois pés e procurando o seu equilíbrio entre esse dois pontos móveis que procuram fixar o homem na terra e fazê-lo caminhar num constante movimento, que oscila entre o equilíbrio e o desequilíbrio, que se expressa na forma de caminhar humano.

Mover-se com seus passos é, sobretudo, um ato que expressa a natureza da nova vida sob a forma humana, que chega ao mundo. Caminhar para conviver num mundo de muitas relações, sem perder de vista seus desejos, suas aptidões e sua identidade.

Com o nascimento, o indivíduo ascende ao mundo marcado pelas interações comandadas por exigências e regras de um sistema que garante a harmonia do conjunto, numa convivência em alteridade. Este é o universo familiar. Nele a criança espera encontrar sempre o que dispunha no seu mundo intra-uterino: a segurança para se desenvolver, flexibilidade para se mover e exercitar sua liberdade. Tudo isso só pode ser materializado numa relação de comunicação com os outros, no sentido amplo, onde cada ser procura a confirmação da sua própria existência.

Esta criança no seio da sua família necessita de clareza para descobrir-se como pessoa pertencente a um grupo e desenvolver suas aptidões, nortear suas interações e participar da construção do mundo.

A família, este útero social, é quem fornecerá ao indivíduo elementos que farão dele um ser realizado ou frustrado. Este mundo será um espaço constante de prazer ou de sofrimentos.

As relações nos espaços útero/mundo, promovidas pelo nascimento, possibilita à criança a construção dos significados que nortearão sua existência. Mesmo não garantindo ainda todas as condições cognitivas, essa criança vai se estruturando como ser afetivo ou carente de afetividade.

Os movimentos de interação com a vida só ocorrerão se ao alcance da criança estiver um ambiente totalmente acolhedor, afetuoso e cheio do ingrediente motriz da vida, que é o amor. Pais que desde a concepção do feto, vivem em constante batalha conflitual, mostrando-se instáveis e inseguros em relação ao futuro, podem prejudicar e passam a promover os mesmos sentimentos nas crianças. Nesta instância se originam as infindáveis doenças mentais e de cunho emocionais infantis, indícios de dificuldades cognitivas, dificuldades de relacionamentos familiares e sociais, o indesejável sentimento de abandono, os quais resultarão na ausência de reconhecimento dela como um SER capaz de gerenciar suas atitudes e posições.

Jonh Bowlby já afirmava em 1951, que “o amor materno na infância e juventude é tão importante para a saúde mental quanto as vitaminas e proteínas o são para a saúde física”.¹¹

Os pais transmitem seus pontos de vistas, sua religião, seu estilo de vida aos filhos. A criança aprende através da imitação, identificação e instrução. Do nascimento até os cinco anos, a personalidade e o temperamento da criança são basicamente formados. O que a criança absorve do seu contexto nos primeiros cinco anos de sua vida ficará para vida inteira.¹²

A família desempenha sua influência na formação e no desenvolvimento infantil por causa de sua relação de proximidade com o afeto. Nela é que os primeiros movimentos fetais são comemorados, anunciados para a celebração de uma nova vida que chegará. Por isso, cabe à família valorizar e estimular todas as ações de afetividade, reconhecimento e carinho para a sua chegada. Quando isso não ocorre, as relações não são saudáveis, e as conseqüências desses atos para a vivência e formação do caráter dessa criança estarão comprometidas.

¹¹ BOWLBY, 1951 Apud VICENTE, 2000 ,p.48

¹² GEORGE, Sherron K. **Igreja Ensinadora**: fundamentos bíblico-teológico e pedagógicos da educação cristã. Campinas: Luz para o Caminho, 1993. p.104.

O grande desafio da família é receber um ser dependente, frágil, necessitado de proteção, e transformá-lo, na escalada da vida, em um ser seguro, materializando seus próprios projetos - ainda que estes não estejam de acordo com as expectativas de seus pais. A família, em plena consciência, deve perceber que receber um filho significa renunciar ou incrementar novos sonhos para si e para todos os entes deste meio em comum. Conscientes do seu papel, os pais compreendem que a família é apenas mais um espaço de nutrição e formação, onde a criança deve viver de forma segura, tornando-se um adulto capaz de amar e ser amado e de estabelecer uma comunicação satisfatória com seus parceiros. Os pais inseguros e imaturos tenderão a fazer do filho um substituto, tornando-o um ser “ausente”, réplica, muitas vezes, deles mesmos, que não vão exercer seu papel integral como indivíduo e cidadão de sua sociedade.

O Dicionário Aurélio traz a seguinte definição para a família: “pessoas aparentadas, que vivem, em geral, na mesma casa, particularmente o pai, a mãe e os filhos; pessoas unidas por laços de parentesco, pelo sangue ou por aliança; ascendência, linhagem, estirpe”¹³

Percebe-se que esta definição não abrange a realidade da família nos dias de hoje. Nem o mesmo espaço, nem mesmo o sangue idêntico, configura a família. A realidade é que este termo tem variados significados.

Existem várias sociedades onde há união de duas ou mais famílias nucleares que moram juntas e mantêm entre si laços mais fortes do que com os demais membros da comunidade.

Segundo Cervený a família pode ser formada por laços consangüíneos, de relação não formalizada por parentesco, de relação conjugal extensa, de núcleo doméstico, dentre outras¹⁴. Pode-se dizer que a família é um sistema de relações que atua conforme certos princípios básicos e que se desenvolve de um modo característico e complexo, de acordo com um grande número de fatores que a influencia.

Começa-se a busca novas soluções para assegurar o antigo funcionamento do sistema familiar, objetivando um estado de conforto e estabilidade. Nem sempre é possível retomar o molde anterior de “decantação” ou “calmaria”. Quando essa

¹³ DICIONÁRIO Aurélio eletrônico. Século XXI. Rio de Janeiro, 1999.

¹⁴ CERVENY, Ceneide M. de O; BERTHOUD, Cristiana Mercadante Esper. **Visitando a família ao longo do ciclo vital**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. p.19-20.

busca em torno da calma falha, a tensão aumenta e é desencadeada uma crise familiar. A crise traz contenda familiar e exige dos seus participantes a busca por uma nova forma de integração¹⁵.

Conforme Andolfi:

A família é um sistema ativo em constante transformação, ou seja, um organismo complexo que se altera com o tempo para assegurar a continuidade e o crescimento psicossocial de seus membros e componentes. Esse processo dual de continuidade e crescimento permite o desenvolvimento da família como unidade e, ao mesmo tempo, assegura a diferenciação de seus membros [...]¹⁶

Levando-se em consideração que não só a família vive um processo de mudança, o filho e a filha também evoluem e vivenciam processos de mudanças permanentes, representando assim toda atividade de desenvolvimento humano, que tão fortemente nos leciona.

Erik Erikson¹⁷ enfatiza em seus estudos a relatividade psicossocial do indivíduo e para ele é impossível a compreensão do ciclo de vida do individual separado do contexto onde o indivíduo está inserido.

É, portanto, na família que todas as imagens e aprendizados vão se delineando, exercendo assim papel fundamental no desenvolvimento do caráter e das frustrações do indivíduo. A família, como organização social, tem uma história. De acordo com esta história, as relações vão sendo estabelecidas e ocorre muitas vezes que o espaço familiar vai se tornando um peso muito forte, provocando assim um misto de amor e ódio.

Estas visões de família revelam-na muitas vezes como um sistema integrado, que busca manter a estabilidade e o senso de equilíbrio em seus relacionamentos internos e externos, no decorrer de sua história. No entanto, também contemplam a possibilidade de que tal estabilidade possa ser ameaçada por mudanças e por períodos de desequilíbrio (crises imprevisíveis). Uma crise prevista, no decorrer do ciclo vital de desenvolvimento, pode ser exemplificada pela troca de funções e responsabilidade exercidas pelos pais em relação aos seus filhos.

¹⁵ HOFFMAN, 1995 Apud STRECK;SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1996 p.65.

¹⁶ ANDOLFI Apud CERVENY;BERTHOUD, 2002 ,p.17

¹⁷ ERIKSON, Erik .**Identidade, juventude e crise**. .Rio de Janeiro: Zahar, 1976. p.92.

No Brasil, é muito freqüente o escasso contato entre pais e filhos. Quando pai e mãe trabalham o dia inteiro para sustentar a família, os filhos acabam sendo cuidados por terceiros e assim são carentes de atenção. Nos primeiros meses de vida a criança necessita de super-proteção, cuidados que só os pais podem desenvolver com elas.

Já que é a família o ponto crucial da vida do ser humano, como há tantos filhos sentindo-se sozinhos? Qual deve ser a atuação da família para que seus filhos, ao entrarem na adolescência, não se sintam em estado de abandono?

A família é quem vai disponibilizar o bem estar de seus membros. Seu papel é decisivo na formação intelectual. É no convívio familiar que são absorvidos os valores éticos e humanos e o aprofundamento dos laços sociais e afetivos. É também na família que se desenvolve o vínculo com as gerações e a conservação dos valores destes vínculos. É sempre na família que respostas são dadas e encontradas de forma sutil, pelo processo de troca e desenvolvidos os hábitos, costumes e sentimentos de pertencer a algo ou a alguém. Isso permeará sua existência para sempre. Afeto é algo que se constrói no cotidiano familiar. Olhar e ser olhado, perceber e ser percebido são relações construídas na família.

É possível perceber que a família é fundamental para a vida de qualquer ser humano. Sob sua responsabilidade encontram-se crianças, adolescentes e jovens, oriundas destes espaços, que precisam ser educadas, tratadas, amadas e respeitadas. Pesquisas revelam que em torno de 22,5% de crianças sentem-se abandonadas pelos pais. Alguns casos se destacam: 12,1% por morarem só com a mãe ou só com o pai e 10,4% não moravam nem com mãe nem com pai, fatores preponderantes na justificativa de abandono.

A família deveria ser ambiente no qual desabrochasse a cidadania. Relações de fraternidade, de cooperação, de respeito recíproco, de acolhimento ao outro constituem condições para a positiva formação da personalidade. Lamentavelmente, condições econômicas extremamente negativas têm impedido a vida em família. Orçamentos nos quais a receita nunca pode atender a despesa, desemprego, desequilíbrio entre salários insuficientes e custo de vida elevado, tudo isso dificulta muito a felicidade das pessoas e a vida em família. Caberia então nos perguntar: se a família é considerada aqui como “útero” da vida humana, como entender o alto índice de crianças infelizes e em estados de abandono? Onde começa sua historicidade no abandono?

1.1 CONCEITUALIZANDO A CRIANÇA

Durante muito tempo, a concepção da criança como um adulto em miniatura estabeleceu as diretrizes para os estudos acerca do desenvolvimento infantil. Segundo Hart e Pavlovic (1988 apud AZEVEDO, 2006, p. 143), antes do século XVI, as crianças eram consideradas socialmente como servidoras e, a partir dos sete anos, passavam a ser tratadas como adultos; suas competências eram determinadas pelo que se esperava delas. Sofriam abusos, negligências, abandonos e chegavam a ser escravizadas, mutiladas e mortas.

A visão negativa da mesma como um ser inacabado, sem nada específico e original foi sustentada até o século XVIII, quando Rousseau, na sua obra *Emílio*, reivindicou a especificidade infantil, defendendo a criança como portadora de uma natureza própria que deveria ser desenvolvida (KISHIMOTO, 1997).

Só no século XX começam a adquirir visibilidade os estudos sobre criança, uma vez que até então elas não eram valorizadas enquanto seres autônomos e interativos, estando subordinadas ao poder da família. Esta nova construção social vem alertar para a importância do seu desenvolvimento, uma vez que as diversas etapas do seu desenvolvimento e as suas vivências irão influenciar todo o comportamento futuro.

Sendo recente esta abordagem, não deixa, contudo, de fazer sentido a compreensão das diversas perspectivas teóricas que ao longo dos tempos marcaram a história do conhecimento da criança.

Na Antigüidade, filósofos como Platão procuraram compreender, ainda que intuitivamente, a importância deste período. No entanto, os relatos que chegam mostram a aceitação e prática social do infanticídio como uma realidade, nas culturas da Grécia, em Esparta, e na Europa em geral, sendo igualmente conhecidas as referências bíblicas relativas aos sacrifícios de crianças.

Na arte medieval as crianças eram representadas como adultos imaturos e nos séculos XV e XVI aparecem nas pinturas profanas junto de adultos, em grupos

de trabalhos ou lazer, com vestes idênticas às dos homens e mulheres da sua classe social.

O século XVII introduz uma viagem às atitudes e pensamentos da época, por razões que se pensa estarem relacionadas com as correntes da Reforma e Contra-Reforma, aos clérigos e Humanistas, e que começam a fomentar a separação entre crianças, adolescentes e adultos.

A mudança de atitude na moral de então conduziu à aceitação do conceito de inocência de infância, período que Mussen¹⁸, designa por primitivismo, irracional e pré-logismo. Ao conceito tradicional, no qual a criança era retratada como adulto em miniatura, vem contrapor-se a chamada teoria do homúnculo, que considerava a criança tão diferente do adulto, que seria impossível a sua compreensão.

Entre os diversos teóricos de então, que se debruçaram sobre estudos da criança, destacam-se os que escreveram sobre a sua depravação inata, enquanto que outros a retratam como o bom selvagem.

No século XIX Charles Darwin, com a teoria da evolução das espécies e principalmente com a busca de sinais humanos na vida animal, inicia uma extensa coleta de documentação sobre a criança e a sua evolução física, desde o nascimento à adolescência e idade adulta.

No contexto histórico sobre as Políticas de Proteção à Infância e Adolescência, até o século XIX, destacam-se as estratégias utilizadas pelo Iluminismo e Higienismo para acabar com a Roda dos Expostos – esta caracterizava-se por disponibilizar aleatoriamente as crianças em uma roda, em conventos, sob gerenciamento das freiras, a fim de que as crianças fossem “escolhidas” ou “descartadas” em função do que pudessem oferecer. As de sexo feminino ainda podiam contar com a esperança de adquirir algum dote, que minimizava a situação de abandono e descaso a qual eram, literalmente, expostas.

O estado apoiava e oferecia algum subsídio às amas de leite e voluntários que tiravam as crianças da Roda dos Expostos, até porque este mecanismo favorecia o anonimato. Este intento filantrópico era, na verdade, uma tentativa de controlar as desigualdades sociais e minimizar o acesso das crianças à prostituição.

No âmbito científico, foi só no decurso do século passado que se verificaram as verdadeiras abordagens com caráter mais elaborado, sendo os primeiros trinta

¹⁸ MUSSEN, Coger, Kagan. **Desenvolvimento e Personalidade da Criança**. 4.ed. São Paulo: Haper e Row.

anos marcados pela descoberta e descrição das tendências psíquicas de cada idade, bem como das características comportamentais, cognitivas e físicas, apoiadas no estudo empírico das mesmas.

Na segunda metade do século passado, diversos autores apontam para as explicações que levam em consideração os processos e mecanismos subjacentes ao desenvolvimento humano, buscando relações de antecedente-conseqüente. Jean Piaget (1896-1980) assumiu importante papel na história da psicologia infantil, ao elaborar uma teoria do desenvolvimento na qual acreditava que a criança caminhava numa única direção, passando por várias etapas, adquirindo diferentes classes de operações até atingir a etapa mais amadurecida da adolescência.

Para ele, as estruturas humanas seriam o resultado de uma gênese, e era através dela que se progredia de uma fase mais simples para as mais complexas, a chamada “coordenação geral das ações”.¹⁹

Segundo Henri Wallon²⁰, a criança deve ser encarada como “um ser dinâmico caracterizado pelo polimorfismo das suas manifestações psíquicas e das suas condutas, passando assim a ser essencial para a sua compreensão o estudo das fases que vão fazer dela um adulto.”. Para ele, a “criança tende para o adulto, tal como um sistema para o seu estado de equilíbrio”.

Assim, a história do indivíduo implica em um processo evolutivo, visto que “toda a ação é um papel que nós desempenhamos em conjunto”.

Ultrapassada a contraposição entre criança e adulto, Andreoli²¹ sublinha que se trata de:

Uma verdadeira revolução copernicana: de ser sem identidade e sem uma precisa colocação social, a criança passa a ser o indivíduo com mais direitos do que qualquer outro, e tira-se do adulto o direito de dispor dela ao seu belo prazer (...) para lhe confiar o dever de tutelar estes direitos.

¹⁹ CORDEIRO.JD. **Saúde Mental e a Vida** :Pessoas e Populações em riscos psiquiátrico. Coleção Psicologia e Pedagogia. [S.l.]: Moraes Editora.

²⁰ WALLON.H. **A Evolução Psicológica da Criança**. [S1]: Edições 70-Editora Persona, 1968.

²¹ ANDREOLI. V. **Do Lado das Crianças**. [S.l.]: Editora Âmbar, 2003.

Este novo desenho social da infância, enquanto grupo social autônomo, corresponde a uma nova construção social que só adquiriu visibilidade nos finais do século XX, segundo Canha.²²

A evolução científica, sobretudo o conhecimento das necessidades básicas das crianças, o seu reconhecimento como ser autônomo e interativo desde o nascimento, a importância da vinculação mãe e filho e da estimulação do meio para o seu desenvolvimento, bem como a necessidade de sua proteção, modificaram decisivamente a postura e as atitudes face à criança.

Considerando que todas estas mudanças conceituais operadas são, ainda, muito recentes e que os direitos da criança e do adolescente estão longe de ser entendidos como um patrimônio comum, não é de se estranhar a persistência de comportamentos e códigos de conduta que colocam em risco, ainda na atualidade do nosso país, crianças e adolescentes.

1.2 DEIXANDO A INFÂNCIA E CONHECENDO A ADOLESCÊNCIA: QUAL O PAPEL DA FAMÍLIA?

Para que se possa compreender de forma correta qual o papel da família no processo de abandono, faz-se necessário entender como se processa a adolescência, todas as suas nuances e os ritos que cercam este período.

A princípio, é preciso perceber as transformações que cercam a adolescência e os indícios que permeiam a sua chegada. É importante perceber que a adolescência é um momento de conflitos e, ao mesmo tempo, um processo de aprendizagem - aprendizagem esta referente à vida. Então, é a família quem vai se responsabilizar pelo processo de reconhecimento do adolescente como ser importante e vai também exercer a responsabilidade na transição dos processos de mudanças pertinentes à adolescência de forma saudável e representativa.

Analisar os processos de transformações, necessidades e anseios da adolescência ajudará a família a compreender e auxiliar seus membros adolescentes na superação das inquietações próprias da fase mais significativa do ser humano.

²² CANHA, Jeni. **A criança maltratada**. [S.l.]: Edições Quarteto.

Variados rituais marcam a chegada da adolescência, que implica na transição da criança à “maioridade” biológica. Ritos de passagem podem incluir bênçãos religiosas, separação familiar, testes etno-culturais de força e resistências. Tais rituais são realizados em determinada idade, como por exemplo, as cerimônias de *bar mitzvah*, que marcam o momento do menino e menina judia de 13 anos assumirem a responsabilidade de seguir a observância religiosa tradicional.

O Mazan-tov é feito com o(a) menino(a) sobre uma cadeira e ele(a) é levantado várias vezes, e assim fazem com toda a família do Barmitzvano. Deste modo é realizado uma parte do Bar Mitzvah.

Nas tribos Apache, um evento significativo para a “mocinha adolescente”, que é a chegada da menarca - primeira menstruação - é celebrado com um ritual de cântico durante quatro dias, do amanhecer até o por do sol.

Os jovens católicos de ambos os sexos recebem o sacramento da Crisma. Crisma, juntamente com o Batismo e a Eucaristia, são considerados pela Igreja Católica como sendo "sacramentos da iniciação cristã". A imposição das mãos é reconhecida pela tradição católica como a origem do sacramento da Confirmação (Ezequiel 36,25-27 e Hebreus 6,2)²³. Este sacramento tem também o seu fundamento teológico no Pentecostes (Atos 2,1-4 e em Atos 8, 14-17)²⁴.

No Oriente este sacramento é chamado de *Crismação*, o que significa unção com crisma ou *mýron*.

No Ocidente usa-se a palavra *Confirmação* para designar este sacramento, pois este termo sugere ao mesmo tempo a confirmação do Batismo e a consolidação da graça deste sacramento.

No Japão a passagem para a idade adulta é celebrada pelo Seijin Shiki (ou “cerimônia adulta” em tradução literal).

Nas sociedades industriais modernas, a passagem para a idade adulta geralmente é menos abrupta e menos marcada.

²³ BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução de Samuel Martins Barbosa et al. São Paulo: Paulinas, 1981. 1663p

²⁴ IBDEM

Papalia e Olds reconhecem o período da adolescência como uma transição no desenvolvimento entre a infância e a idade adulta, que envolve grandes mudanças físicas, cognitivas e psicossociais inter-relacionados.²⁵

A adolescência dura aproximadamente 10 anos - dos 11 ou 12 anos até pouco antes e depois dos 18 anos. Seu ponto de início ou de término não é claramente definido. Em geral, considera-se que a adolescência começa com a puberdade²⁶, o processo que conduz à maturidade sexual ou fertilidade, ou seja, a capacidade de reprodução.

Antes do século XX, as crianças das culturas ocidentais entravam no mundo dos adultos quando amadureciam fisicamente ou quando iniciavam um aprendizado vocacional. Hoje, o ingresso na idade adulta leva mais tempo e é menos definido. A puberdade, com suas implicações sexuais, começa bem mais cedo, e o ingresso na profissão tende a ocorrer mais tarde, pois as sociedades complexas exigem períodos mais longos de educação ou de formação específica profissional para que o jovem assuma responsabilidades de adulto.

Com o advento da adolescência e a transição de saída da infância, surgem oportunidades de crescimento não apenas em dimensões físicas, mas no tocante às competências e habilidades cognitivas e sociais, autonomia, auto-estima e intimidade. É um período de muitos perigos e crises graves na formação da capacidade de abstração dos problemas e aceitação dos adultos, necessitando de ajuda para superar os perigos ao longo do caminho.

Algumas pesquisas apontam a exacerbação das emoções e a instabilidade de humor na adolescência inicial, além das mudanças no aspecto hormonal.

Streck e Schneider-Harpprecht²⁷ afirmam que a família, atingida pelas mudanças rápidas na sociedade pós-moderna, tem sofrido muitas transformações, principalmente no que diz respeito ao papel do homem e da mulher, nas convicções básicas sobre o sentido do casamento, no comportamento sexual e na educação dos filhos e filhas.

²⁵ PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally Wendkos; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento humano**. .8.ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. 888p.

²⁶ N.de T.: Alguns utilizam o termo *puberdade* como referente ao ponto final da maturação sexual, e referem-se ao processo como *pubescência*, mas nossa utilização conforma-se à maioria dos psicólogos da atualidade.

²⁷ STRECK, Valburga Schmiedt. **Imagens da família** : dinâmica, conflitos e terapia do processo familiar. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

Para os povos primitivos, o homem não tinha qualquer participação no processo de reprodução, inclusive acreditava-se que a mulher era fertilizada pelos raios lunares.

Segundo o folclore da civilização ocidental, o pai tem no nascimento basicamente três funções: fecundar o óvulo, esperar ansiosamente no corredor da maternidade enquanto ocorre o parto e prover as necessidades materiais da família. Características como estas conceituam-no como “pai tradicional”: é ele quem sai de casa para trabalhar todas as manhãs, geralmente almoça fora e retorna a noite, exausto, querendo “chinelos” e o jantar. Hoje em dia isso quase não se processa mais desta maneira. Novos modelos de pais, homens mais presentes e assumindo tarefas que antes eram exclusivamente delegadas às mulheres.

Na modernidade já é possível observar pais que não se deixam conduzir pelo velho estereótipo machista e “curtem” os filhos desde a gestação, participando de cursos para casais grávidos, lêem revistas e livros especializados e buscam sites que falam sobre bebês. Sentem prazer em acompanhar todo o desenvolvimento dos seus filhos e filhas.

Os pais da modernidade, mesmo fragilizados pelo fato de terem suas mulheres no mercado de trabalho, não se desprendem de suas funções de pai e vão se revelando no cotidiano como cuidadores de sua prole.

Quando caem os tabus, é maior a liberdade social e cultural de improvisar o papel de pai. Se ele quiser, poderá ficar muito mais próximo do seu filho, estabelecendo assim uma relação mais direta e imediata com ele. É muito mais fácil ser pai quando há disponibilidade, quando não se tem medos, quando se permite aproximação e quando a emoção existe. O ensino que se estabelece nesse processo perpassa o respeito e a afetividade. Permanecer sempre perto dos filhos permitirá uma vida muito mais feliz e realizada.

Estudos realizados no Tennessee e Indiana comprovam que adolescentes com pais presentes, envolvidos e participantes de forma afetuosa em seu processo de desenvolvimento da puberdade apresentavam desenvolvimento mais saudável do que os que em relacionamentos com pais frios e distantes. Os que têm a figura paterna presente desenvolvem uma dependência maior do aqueles que, não tendo, buscam sozinhos o amadurecimento.

Adolescência é uma das etapas do desenvolvimento humano caracterizada por alterações físicas, psíquicas e sociais, sendo que estas duas últimas recebem

interpretações e significados diferentes, dependendo da época e da cultura na qual está inserida.

Segundo a Organização Mundial de Saúde²⁸, adolescente é o indivíduo que se encontra entre dez e vinte anos de idade. No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente²⁹ estabelece outra faixa etária: dos doze aos dezoito anos. A adolescência é, portanto, uma etapa do desenvolvimento que ocorre desde a puberdade à idade adulta, ou seja, desde o período em que as alterações psicobiológicas se iniciam até a idade em que um sistema de valores e crenças se enquadra numa identidade estabelecida.

A adolescência é caracterizada por maior demanda de autonomia e independência, e a legislação de cada país prevê a idade formal de maioridade dos jovens, quando adolescentes passam a ser tratados como adultos.

Freqüentemente se precipitam mudanças nos relacionamentos da família em várias gerações. Famílias com filhos adolescentes são palco de uma série de conflitos, na maioria das vezes, provenientes da própria maturação natural do/a adolescente. Esta fase é marcada também por freqüentes conflitos interiores, dúvidas e anseios, além de caracterizar-se como o momento de tomada de decisões importantíssimas.

Muitos destes conflitos poderiam ser extirpados se a família se preparasse para crescer junto com seu adolescente. O diálogo como ponto mediador nestes conflitos promove uma abertura importante, que produzirá significado para toda a sua história.

Outro fator marcante no contexto em questão foi a abertura do mercado de trabalho para as mulheres. Isto contribuiu de forma definitiva para que essas mudanças atingissem em cheio o aumento de nascimentos indesejados de crianças, bem como a falta de tempo para educar e cuidar de forma “eficaz” dos filhos e da própria casa.

As adaptações necessárias à estrutura e organização familiar no trato com as demandas da adolescência são tão importantes e básicas que a própria família é

²⁸ Organização Mundial da Saúde (OMS) é uma agência especializada em saúde, fundada em 7 de abril de 1948 e subordinada à Organização das Nações Unidas. Sua sede é em Genebra, na Suíça. O director-geral é, desde 2006, o sueco Anders Nordström

²⁹ O Estatuto da Criança e do Adolescente foi promulgado pelo presidente Collor de Melo com o objetivo de estipular os direitos e responsabilidades de crianças e adolescentes.

transformada: de uma unidade que protege crianças, passa a ser um centro de preparo para a entrada do adolescente no mundo de responsabilidade adulta.

Até a adolescência, o filho vai estabelecendo proximidade com as experiências do funcionamento independente. É preciso esclarecer que, como um processo contínuo, o desenvolvimento e as múltiplas fases da vida humana são períodos de vivência para as próximas, e que não há limites definidos entre elas. Para melhor compreensão, será utilizada uma maneira sistemática para pontuar este desenvolvimento e as mudanças por ele desencadeadas.

1.2.1 Mudanças Físicas

Na tabela 1³⁰ é possível observar como se desenvolvem os adolescentes e as mudanças que ocorrem durante todo o processo. Somadas à velocidade destas mudanças, existem muitas inquietações e perguntas que são geradas e não podem, necessariamente, ser respondidas nesta fase.

Características Femininas	Idades de Aparecimento
Crescimento dos seios	06 - 13
Crescimentos dos pêlos pubianos	06 – 14
Crescimento Corporal	09,5 – 14, 5
Menarca	10 – 16,5
Pêlos axilares	Cerca de 2 anos após o aparecimento de pêlos pubianos
Aumento na produção das glândulas sebáceas e sudoríparas (o que pode causas acnes)	Aproximadamente na mesma época que o aparecimento de pêlos axilares.
Características Masculinas	Idades de Aparecimento
Crescimentos dos testículos, escrotos	10 – 13,5

³⁰ * PAPALIA, Diane E. **Desenvolvimento Humano**. 8. ed. São Paulo: .Artmed, 2006. p445.

Crescimento dos pêlos pubianos	12 -16
Crescimento Corporal	10,5 – 16
Crescimento do pênis, da próstata, das vesículas seminais	11- 14,5
Alteração da voz	Aproximadamente na mesma época que o crescimento do pênis.
Primeira ejaculação do sêmen	Aproximadamente um ano depois do crescimento do pênis.
Pêlos faciais e axilares	Aproximadamente dois anos após do aparecimento de pêlos pubianos.
Aumento da produção das glândulas sebáceas e sudoríparas.	Na mesma época que os pêlos axilares.

Tabela 1. Seqüência usual de mudanças fisiológicas na Adolescência

Peso, altura, pêlos. As mudanças que ocorrem em seus corpos são fruto do amadurecimento ao qual precisam se submeter e constituem-se, em muitos casos, um severo problema, tanto de ordem física quanto emocional.

Papalia e Olds³¹ analisam que os efeitos do amadurecimento precoce ou tardio não são bem-definidos em moças e rapazes. Rapazes e moças desenvolvem-se de forma diferenciada. Os meninos amadurecem mais cedo e são mais equilibrados, tranqüilos, afáveis e populares entre os amigos, inclinados à liderança, além de menos impulsivos do que os que amadurecem tardiamente. Estudos ainda constataram que eles se preocupam mais em ser estimados e são mais cautelosos, mais dependentes dos outros e mais limitados por regras e rotinas. Os que amadurecem mais tardiamente sentem-se mais incompetentes, inibidos, rejeitados e dominados, são mais dependentes, inseguros ou deprimidos, agressivos, possuem habilidades sociais e de enfrentamento inferiores e tem pior opinião a seu próprio

³¹ PAPALIA, Diane E; OLDS, Sally Wendkos; FELDMAN, Ruth Duskin; **Desenvolvimento humano**. .8.ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p.447.

respeito (Graber et al., 1997; Musseun e Jones 1057; Peskin, 1967, 1973; Siegel, 1982).³²

As meninas sentem-se, normalmente, muito mais infelizes do que os rapazes, pois irão refletir maior ênfase cultural sobre os seus atributos físicos. Tendem também a “não gostar” de amadurecer mais cedo como os meninos e geralmente se satisfazem quando não amadurecem nem mais cedo e nem mais tarde do que suas amigas.

Aquelas com maturação precoce tendem a ser menos sociáveis, menos expressivas e menos equilibradas; mais introvertidas e tímidas; mais negativas em relação à menarca. Talvez por se sentirem forçadas à confrontar-se com os problemas da adolescência sem estarem ainda preparadas para tal, são mais vulneráveis ao sofrimento psicológico e permanecem assim até os 15 ou 16 anos.

Em relação ao esquema corporal e auto-estima, as meninas que amadurecem antes têm uma imagem mais depreciativa de si do que as meninas com maturação mais tardia.

Observa-se que meninos e meninas crescem e se desenvolvem de maneiras diferentes. O surto do crescimento adolescente afeta todas as dimensões do corpo físico, muscular e, certamente, emocional também.

De modo geral, é muito difícil generalizar os efeitos que essas mudanças provocam no psicológico de cada adolescente, pois dependerá de como este e as pessoas envolvidas com sua educação e formação interpretam as mudanças que os acompanham. Algumas dessas mudanças podem provocar um comportamento de risco em ambos os sexos. Todas estas questões deverão ser respeitadas pelos pais, para assegurar ao adolescente o amor e o deslumbramento necessários a fim de que transcendam esta fase da vida de forma positiva.

Segundo Papalia, essas rápidas modificações possuem ramificações psicológicas. Na sua maioria, os adolescentes e jovens preocupam-se muito mais com sua aparência do que com qualquer outra coisa de sua vida.

Se a afetividade dos pais não for constante neste momento, problemas graves, a nível físico e emocional, podem ser ocasionados, dentre eles a bulimia e a anorexia, doenças que têm levado muitos adolescentes à morte. Embora os registros sejam notadamente mais comuns em meninas, os meninos não ficam fora

³² PAPALIA, Diane E. **Desenvolvimento humano**, 2006.

deste quadro. Não sendo acometidos por estes transtornos, passam por situações semelhantes, que comprometem significativamente o seu desenvolvimento, cercados pela ansiedade do amadurecimento tardio ou precoce.

A figura do pai é singular para a maturação saudável de meninos e meninas, principalmente no que concerne ao desenvolvimento sexual. É o pai que vai promover a identificação correta do tempo e do desenvolvimento no período em que ocorre a puberdade. Cada uma dessas mudanças segue seu próprio “calendário”, e quase sempre a vida dos adolescentes torna-se uma grande confusão.

O recém-nascido humano nasce com o cérebro menos amadurecido do que os outros mamíferos, a sua infância é a mais longa e o bebê, depois a criança e o adolescente, permanecem por muito mais tempo dependentes dos cuidados de seus genitores para que se relacionem de maneira positiva com o ambiente no qual estão inseridos. Além disso, na espécie humana, ao amadurecimento físico logo sobrevém outros elementos: educação, cultura e tradição, cuja continuidade deve ser assegurada pela família. Assim, conforme a cultura e o nível social, os filhos permanecem em casa após a maturidade física.

1.2.2 Mudanças Emocionais

Erik Erikson³³ diz que no primeiro ano de vida, quando a criança é bem cuidada, alimentada com regularidade e tem a presença da mãe de forma contínua, desenvolve um sentimento de “confiança básica na existência”. Sente-se segura e amada, protegida, pois confia na assertividade da presença de sua mãe, transformando esta convicção em uma certeza interior. O primeiro sinal desta segurança em seu ambiente é a completa diminuição da tonicidade muscular dos seus intestinos, a facilidade de sua alimentação e a profundidade do seu sono. Qualquer distúrbio em uma destas áreas indica uma incerteza, uma insegurança, geralmente em relação à mãe. Erikson ainda diz que os primeiros anos de vida da criança, da mesma forma que a vida intra-uterina, são vitais para o desenvolvimento da personalidade.

³³ Erikson, Erik. **Infância e Sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1971.

Apesar disso, é comum saber de pais que, com os filhos no colo, promovem discussões, desferindo ofensas contra outras pessoas, ou mesmo queixando-se da criança para outros, ignorando que a mesma tudo percebe, tudo entende, mesmo que inconscientemente. Este ser respira profundamente a *atmosfera psíquica* de sua casa, recebendo a influência direta e imediata dos estados de ânimo dos pais. O tom de voz empregado pela mãe, a maneira como o pai trata sua genitora, os carinhos que trocam ou os gestos de paciência ou impaciência vão sendo arquivados, gradativamente, pela criança, e incorporados ao seu acervo mental, que servirá como base para seus futuros comportamentos quando adulta.

A maneira como o pai as trata - no caso das meninas - o carinho ou a rejeição que recebem, influenciarão diretamente seus relacionamentos na vida adulta, onde irão prevalecer as experiências vivenciadas sob a forma de confiança para amar ou medo de amar e ser amada. Estes sentimentos podem se transformar em dúvidas e receios injustificáveis. Com os meninos o mesmo acontece, mas com relação à figura materna.

Nesse período da tenra infância, a criança precisa muito do *elemento amor*, para que venha a se tornar uma pessoa segura, com um ego forte e capaz de enfrentar a vida e suas dificuldades, sem receios. Quando o investimento afetivo é insuficiente, quando os pais são negligentes ou não participam da vida da criança como deveriam, entregando seus cuidados a profissionais pagos, a criança pode crescer com uma *lacuna emocional*, que se não for preenchida pode torná-la insegura, triste, com limitações no que diz respeito a sua auto-afirmação perante o mundo e os outros que a cercam.

Quando adulta, acaba por ser vítima de patologias das quais não consegue se ver livre com facilidade – como citado anteriormente, a Bulimia Nervosa é uma delas. A pessoa ingere alimento em medidas desproporcionais ao necessário, a fim de sentir-se *completa*, totalmente preenchida. Inconscientemente, este é um desejo de preencher-se com o amor que nunca recebeu, com o carinho que faltou, com o que não lhe foi dado em períodos fundamentais do seu desenvolvimento. Estando preenchida, porém, logo vem uma ânsia que a faz expelir tudo o que ingeriu, pois identifica o alimento com a mãe que a não amou, e de quem sente raiva e ressentimento.

Não raro, o grupo familiar se surpreende, não reconhecendo como fruto de sua educação algumas características que o adolescente passa a apresentar, ora

como talentos e vocações, ora como malícia, atitudes temperamentais e comportamento cínico de alguns, constituídos em longo prazo.

Nesta fase, o psiquismo passa por um processo de adaptação entre a infância e a adultez que virá. A mente do adolescente é uma mente essencialmente ideológica, e passa então a revisar tudo o que aprendeu dos pais, no intuito de definir a sua identidade (Erikson, 1971)³⁴. Observa cada ato e gesto dos adultos, comparando-os com suas filosofias, com os sermões que lhes são aplicados, procurando verificar se o que os pais verbalizam é autêntico ou falso. As imagens “falam mais que mil palavras”.

No que diz respeito à independência, todos os filhos a desejam, mas se os pais não favorecem o desenvolvimento saudável da mesma, é provável que os filhos se tornem eternamente dependentes de seus pais, e nunca assumam suas responsabilidades como adultos.

Durante a adolescência esse ser terá que atuar com independência em muitas áreas. Se essa criança não aprendeu a assumir responsabilidades tais como vestir-se, comer e executar tarefas domésticas, inevitavelmente terá dificuldades em cumprir responsabilidades atividades escolares e sociais.

Os acontecimentos e os exemplos vistos pelos adolescentes fortalecerão ou não os laços de afetividade com o mundo. Se não estiverem completos, realizados e em um ambiente que promova a felicidade, dificilmente sentir-se-ão capazes e prontos a oferecer felicidade a outrem, e nisto incluem-se também seus pais.

Erik Erikson estudou muito sobre o desenvolvimento da personalidade e afirma que:

A personalidade se desenvolve conforme uma escala pré-determinada “na prontidão” do organismo humano para ser impelido na direção de um círculo cada vez mais amplo de indivíduos e instituições significantes, ao mesmo tempo em que está cômico da existência deste círculo e pronto para a interação com ele.³⁵

³⁴ Erikson, Erik. **Infância e Sociedade**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar Editora, 1971.

³⁵ ERIKSON, Erik. **Identidade, Juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. p.92.

1.2.3 Mudanças e Rebeldia

Os movimentos de juventude, ao questionarem a “civilização do consumo”; ao denunciarem as “burocracias” de todos os matizes, ao exigirem a transformação das universidades, para que resultem, de um lado, o desaparecimento da rigidez nas relações professor-aluno e de outro, a inserção deles na realidade (...), buscaram a afirmação dos homens como sujeitos de decisão (cf. FREIRE, 1987, p. 29)³⁶.

Para muitos, a experiência do vivido já mostra que é hora de tomar decisões vitais em relação à família, trabalho, igreja, política etc. Embora se prefira postergar as decisões, elas são tomadas, como nos ensina Paulo Freire: sempre opta-se a favor ou contra as mudanças. São decisões que marcam profundamente, muitas vezes caracterizadas pelas correntezas da vida: ser de família muito pobre, do interior ou dos centros urbanos, ser do um grupo de jovens, dentre outras. As idades da vida (criança, jovem e adulto), embora ancoradas no desenvolvimento bio-psíquico dos indivíduos, não são um fenômeno puramente natural, mas construídos social e historicamente; inseparáveis do processo de constituição da modernidade, implicam em termos de ação voluntária sobre os costumes e os comportamentos, ou seja, daquilo que seja essencialmente educativo e significativo.

Neste sentido, é possível dizer que a juventude surge com as transformações provocadas pela industrialização e o desenvolvimento do sistema escolar na modernidade e se universaliza no século XX, quando os operários e as mulheres começam a fazer parte deste grupo.

Para que todas as mudanças tornem-se algo benéfico para a vida da criança, do adolescente e do jovem, faz-se necessário um olhar cuidadoso. Boff³⁷ nos diz:

O que se opõe ao descuido é o descuidado. Cuidar é mais que um ato; é uma atitude. Portanto, abrange mais que um momento de atenção, de zelo

³⁶ FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p.29.

³⁷ BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999 p.33.

e de desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e desenvolvimento afetivo com o outro.

Todo o ser humano tem necessidades afetivas. Rocha-Coutinho (1994)³⁸ pontua que, a partir do século XVIII, foi-se consolidando ideologicamente como prioridade do indivíduo a busca da felicidade pessoal, e o ideal de família passou a ser pautado no amor entre seus membros.

Tierno³⁹ apresenta as principais necessidades afetivas dos seres humanos:

1. Necessidade de ser amado e estimado por seus pais e irmãos e de viver num ambiente de aceitação e amor entre as pessoas que o rodeiam.
2. Ser aceito como é, com suas possíveis limitações e defeitos, e ter a sensação de ser importante para os outros, de que é alguém entre os seus.
3. Estar seguro de que aceitar algumas normas e cumprí-las proporciona tranqüilidade, pois o fundamental não muda. Sentir a serenidade, a ordem e o equilíbrio internos.

Quando o adolescente tem estas necessidades supridas desde o berço, “também desenvolverá sua afetividade e ternura, propiciando seu amadurecimento psicológico, afetivo e integral”⁴⁰.

A figura dos pais representará um elo forte de segurança e confiança. Segundo Erikson, a confiança “*é a segurança íntima na conduta dos outros, assim como um sentido fundamental de boa conduta própria*”⁴¹.

Percebe-se também que muitas são as marcas de uma adolescência mal compreendida. As “impressões de ter sido dividido, privado de algo e de ter sido abandonado” deixam uma cicatriz profunda de desconfiança e dor, e é neste momento que a confiança básica em si e no outro deve ser estabelecida e mantida.

Por ser o eixo principal do desenvolvimento e bem-estar de todos os seus membros, cabe a família o papel não somente da educação e do suprimento de suas necessidade físicas, mas essencialmente afetivas e morais.

³⁸ ROCHA-COUTINHO, 1994.

³⁹ TIERNO, Barnabé. **Os filhos e o ambiente**. São Paulo: paulinas, 1995, p.109.

⁴⁰ TIERNO, 1995, p.109-110

⁴¹ ERIKSON, 1976, p.96

A Declaração Mundial sobre a sobrevivência, a proteção e o desenvolvimento da criança nos anos 90 diz:

A família é a principal responsável pela alimentação e pela proteção da criança, da infância à adolescência. A iniciação das crianças na cultura, nos valores e nas normas de sua sociedade começa na família. Para um desenvolvimento completo e harmonioso de sua personalidade, a criança deve crescer num ambiente familiar, numa atmosfera de felicidade, amor e compreensão. Portanto todas as instituições da sociedade devem respeitar e apoiar os esforços dos pais e de todos os demais responsáveis para alimentar e cuidar da criança em um ambiente familiar.⁴²

Como se pode observar, a família é considerada como lugar adequado para o desenvolvimento da criança e do adolescente, lugar este de aprendizados, de formação da personalidade e de preparação para a vida. A criança tem o direito de viver em um ambiente que lhe conceda conforto e suprimento de necessidades, sejam elas físicas, emocionais ou sociais. Por ser um lugar onde o afeto está presente, a criança e/ou adolescente não devem ser tirados de lá, a não ser por motivos extremos.

Quando os filhos atingem a adolescência, a tarefa da família é procurar se preparar para as mudanças qualitativas nos seus relacionamentos, e não excluí-los de seu convívio, uma vez que os filhos não são mais tão dependentes e já apresentam um certo grau de maturidade.

É nesse período que se estabelecem os triângulos envolvendo os adolescentes, seus iguais e seus pais, ou os adolescentes, seus pais e seus avós. Surgem também os interesses fora da família, tanto na escola quanto com os amigos. A família continua tendo o seu papel fundamental na formação do caráter do adolescente, por que então o adolescente procura ajuda externa para a solução de seus questionamentos? Por que os espaços no lar não representam segurança?

O isolamento do adolescente em sua família traduz a insegurança em compartilhar problemas com os seus pares íntimos, e isso constitui um descrédito pelas pessoas referenciais. Isso muitas vezes ocorre pela ausência de diálogo, e dialogar é conversar com a idéia do outro.

⁴² KALOUSTIAN Silvio.(Org.), **Família Brasileira** – a base de tudo. 7.ed. Brasília,DF :Cortez; 2000. ,p.5.

A ausência de abertura em assuntos familiares e também o distanciamento que os pais vão elaborando ao longo de sua vida conjugal, tornando-se impossível abrir-se com os filhos, gera o escasso contato entre pais e filhos adolescentes. Se esta for uma prática constante, os adolescentes acabam se isolando, relacionando-se exclusivamente com elementos externos, como os computadores. Estes elementos externos, considerados eficazes distrações e até guarda dos filhos, em muitos casos têm substituído o afeto, o conselho dos pais.

São públicos os males ocasionados por tais elementos externos. Há probabilidade de crises existenciais, depressões, envolvimento com drogas, rebeldia dos filhos com os pais e ausência de respeito por si mesmo.

Bowlby e Spitz⁴³ destacam ainda que existem diferenças entre as relações familiares com adolescentes nas classes média e adolescentes que vivem na miséria, pois as condições sociais interferem na relação e nas transformações dos pais com seus filhos.

2 NECESSIDADES DA ADOLESCENCIA: PROTEÇÃO E AFETIVIDADE

Quando a família não cumpre seu papel e a comunidade também se mostra falha na garantia da vida plena e digna em relação ao respeito e afetividade - pois dependendo da estrutura familiar, conforme a Constituição Federal, “estende-se, também, como entidade familiar a comunidade formada por qualquer dos pais e seus dependentes”.⁴⁴ - cabe ao Estado assegurar aos cidadãos tais direitos, para que o sujeito desfrute de bens que somente a proteção emocional pode oferecer.⁴⁵

Na era Moderna, temos a emergência do Estado Protetor, impulsionado pelo crescimento demográfico, pelos movimentos sociais e pela criação do PNABEM (Programa Nacional de Bem-Estar do Menor). Em certos casos, pode ocorrer a perda do poder pátrio (ECA, artigos 22 e 24) que acontece quando a família não cumpre seus deveres, maltrata e/ou abusa da criança e do adolescente.

⁴³ BOWLBY,1981;SPLITZ,1986 APUD STRECK;SCHNEIDER-HARPRECHT, 1996., p.73.

⁴⁴ BRASIL, 1988, art.226.

⁴⁵ VICENTE, 2000. ,p.51.

Nestas circunstâncias, a criança pode ser encaminhada para um abrigo social, e os princípios legais que norteiam a situação do abrigamento são respaldados na Constituição, que garante o valor jurídico desta modalidade de cuidado. A título de informação, destacam-se as seguintes condições para os cuidadores de crianças e adolescentes:

Tutela – existe um tutor, mas o tutorado apresenta condições de responder por suas ações;

Curatela – existe um responsável e o curatelado não apresenta condições mentais de responder;

Guarda – posse dos pais em relação ao menor.

Vale ressaltar que a tutela e a guarda são vigentes até os 18 anos, e para a curatela, não há limite de idade, mas pode ser feito um pedido de interdição. De acordo com o artigo 98 do ECA, as medidas de proteção só se fazem aplicáveis a partir da violação de direitos, ou seja, todo abrigamento deve ser motivado como uma medida provisória excepcional, uma vez que deve ser constatada a transgressão de direitos para que se instaure uma ação protetora judicial.

Salienta o artigo 23 da ECA⁴⁶, que “a falta de recursos não implica em perda de poder pátrio, mas, neste caso, a criança e o adolescente devem ser mantidos em sua família e ser incluídos em programas de auxílios.”⁴⁷.

Um olhar atento e persistente sobre crianças que nos rodeiam e com as quais convivemos, sejam elas do nosso agregado familiar, ou não, facilmente nos facultam um leque variado de informações acerca da sua situação escolar, saúde, higiene, conforto bem-estar, auto-estima e afetos.

São estes apenas indicadores que podem balizar a orientação em termos de percepção, capazes de alertar para fatores adversos que se encontram acondicionados ao desenvolvimento normal e equilibrado das criança/jovens e suas famílias.

Para que se possa compreender de forma correta qual é o papel da família no desenvolvimento do adolescente, é necessário entender quais são as necessidades físicas e emocionais neste processo. A princípio, é preciso enfatizar que, emocionalmente, o adolescente precisa de companhia e suporte, mesmo que seja tão somente da família.

⁴⁶ Estatuto da Criança e do Adolescente. Artigos 22. P.

⁴⁷ Estatuto da Criança e do Adolescentes. Artigos 22 e 24p.

Do ponto de vista psicológico, o ser humano necessita da companhia de seus semelhantes. Se o gregarismo é uma condição típica, a afetividade e a necessidade de carinho são essências biológicas básicas, cuja carência pode produzir as mais variadas reações: desde um simples problema de conduta até as mais sérias doenças no organismo.

A teoria do apego de Bowlby⁴⁸ nos fornece um meio de definir a tendência dos seres humanos para estabelecer fortes laços afetivos com outros, e uma forma de compreender a forte reação emocional que ocorre quando esses laços ficam ameaçados ou são rompidos.

Para desenvolver suas teorias, Bowlby⁴⁹ ampliou seu campo de interesse e incluiu dados da etiologia, teoria do controle, Psicologia Cognitiva, Neurofisiologia e Biologia do Desenvolvimento. Ele critica aqueles que acreditam que os laços entre os indivíduos se desenvolvem apenas para satisfazer a certos instintos biológicos, como o de alimentação e o sexual.

A tese dele é de que tais laços surgem de uma necessidade de segurança e proteção; têm início cedo na vida, são dirigidos à pessoas específicas e tendem a durar por uma grande parte do ciclo da vida. Formar laços com pessoas significativas é considerado um comportamento normal não só entre crianças, mas também entre os adultos. Argumenta ainda que o comportamento de apego é algo distinto do comportamento alimentar e do comportamento sexual.

Ainda para Bowlby,⁵⁰

Buscar cuidado é traço de um indivíduo mais fraco e menos experiente em relação a outro considerado mais forte e/ou mais sábio. Uma criança ou pessoa mais velha, no papel de quem busca cuidado, mantém, em relação ao protetor, um grau de proximidade ou de rápido acesso de acordo com as circunstâncias.

O cuidar dos pais caracteriza-se como uma ação fundamental para a constituição da natureza do filho/a. Quando o indivíduo de qualquer idade está se sentindo seguro, ele tende a explorar para longe a sua figura de apego. Ele vai além do que se é esperado. Uma criança saudável sente-se suficientemente segura para

⁴⁸ BOWLBY, John **Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

⁴⁹ BOWLBY, 1989.

⁵⁰ IDEM

explorar, quando sabe que seus pais estão acessíveis e serão receptivos quando requisitados.

Inicialmente, essas explorações são limitadas tanto em tempo quanto em espaço. Por volta da metade do terceiro ano, uma criança segura começa a tornar-se suficientemente confiante para aumentar tanto o tempo quanto a distância – primeiro pela metade de um dia, depois para dias inteiros.

Quando entra na adolescência suas excursões se estendem para semanas e meses, porém, um lar considerado base segura continua sendo indispensável para um ótimo funcionamento, bem como para a saúde mental de todos.

Quando a figura de ligação desaparece ou está ameaçada, a resposta é intensa ansiedade e forte protesto emocional.

Bowlby sugere que os pais forneçam a base segura da ação a partir da qual possa ser explorada. Esta relação determina a capacidade da criança ou do adolescente de estabelecer relações afetivas mais tarde na vida. Isto é similar ao conceito de Erik Erikson⁵¹ de confiança básica: por meio de um bom cuidado por parte dos pais, o indivíduo vê a si próprio como sendo capaz tanto de se ajudar quanto merecedor de ajuda, se surgirem dificuldades.⁵²

Se o objetivo do comportamento de apego é manter um laço afetivo, situações que colocam em perigo estes laços dão origem a determinadas reações muito específicas. Quanto maior for o potencial para a perda, mais intensas serão estas reações.

Bowlby diz:

Nestas circunstâncias, todas as formas mais poderosas de ligação são ativadas - agarrar-se, chorar e talvez coerção raivosa [...]; quando estas atitudes são bem sucedidas, a ligação é restaurada, cessam as ações e o estado de estresse e ansiedade são aliviadas.⁵³

As situações de perigos para crianças e adolescentes se apresentam quando os estímulos processados ao longo de sua vida familiar tornaram-se negativos. Isso poderá afetar seu cérebro e o desenvolvimento da área das emoções, provocando idéias negativas sobre si e sobre os outros, colocando-se sempre como “coitada” e vítima, pois acha que as pessoas não gostam dela.

⁵¹ BOWLBY, Jonh **Apego**, São Paulo: Martins Fontes . 1977. p.42.

⁵² ERIKSON, Erik, 1950.

⁵³ BOWLBY, 1977.

Quando as crianças e adolescentes sentem-se ameaçados em sua relação com os pais, podem desenvolver um modo arrogante de ver a vida, tornando-se perseguidores de outras pessoas e, certamente, trilharão o caminho da autodestruição. Ter na família a segurança essencial para o ser humano estimula o desejo para superação das dificuldades e estabelecimento das ações do indivíduo.

É na família que todos os sentimentos são determinados. Quantos são os pais que, havendo padecido de escassez ou miséria na infância ou sentiram-se inseguros na família, promovem para os filhos um verdadeiro mundo de fantasia, cheio de brinquedos caros, deliciosos manjares e comodidades inimagináveis, pensando eles que estão tendo uma boa conduta em relação ao bem-estar emocional de sua prole.

Conforme Knobel⁵⁴ os sentimentos positivos ou negativos adquiridos na família podem gerar uma personalidade marginalizada ou não pela sociedade. Estes exteriorizam-se e é suficiente o estímulo para que eles se manifestem.

É assim que se estabelece a base para a construção da identidade de muitos marginais. Quase sempre às voltas com o perigo, a delinqüência tem dado lugar a toda a sorte de atos de heroísmo e até sacrifícios mais sublimes para poupar a vida ou a dor de uma criança. Isso demonstra que é a infância a fonte de experiências mais importantes da vida. São as crianças que sempre vão encarnar esse “algo” bom e nobre que todos foram um dia. Os pais deveriam sempre validar os seus filhos, sejam eles negativos do ponto de vista psicológico, moral ou social.

A afetividade e o apego poderão se manifestar em família de forma não muito compreensível. Em determinados lares, ela será amplamente manifesta pelo mais novo ou mais velho. Em outros, será pela menina da casa, que gozará das preferências, e infelizmente, há a modalidade doentia e tremendamente cruel, que é “o filho rejeitado”. Acontece que nem sempre um filho é esperado, às vezes ele chega “sem querer”; muitos são fruto do meio ambiente, da esperança familiar, mas não da decisão madura do matrimônio.

⁵⁴ KNOBEL, Mauricio. **Orientação Familiar**. São Paulo: Papirus. p.108.

2.1 REJEIÇÃO E CUIDADOS

Martin Heidegger (1889-1976) ⁵⁵ em seu famoso SER e TEMPO diz-nos:“ Do ponto de vista existencial, o cuidado se acha *a priori*, antes de toda a atitude e situação do ser humano, o que sempre significa dizer que ele se acha em toda atitude e situação de fato”.

Informa-nos que o cuidado se encontra na raiz primeira do ser humano, antes que ele faça alguma coisa. Se fizer, deve ser imbuída de cuidados, reconhecendo assim o cuidado como “ESSENCIAL PARA O SER HUMANO”.

A criança rejeitada é vítima de um sem fim de injustiças. É um receptáculo de todos os conflitos do lar e sua vida vai se configurando como que para receber todo o mal do ambiente. Isso comumente registra-se como algo sem pretensões. Os pais agem muitas vezes sem ter qualquer noção do mal que estão construindo.

Se a criança cresce em ambiente familiar sem o reconhecimento do ser que ela representa, pode torna-se um indivíduo sem estrutura emocional para enfrentar os mais diversos problemas da vida. Quando se torna adolescente, essa mesma estrutura emocional frágil, aliada às mudanças da adolescência, são fatores de riscos para que vá buscar um escape - muitas vezes nas drogas, na agressividade, nas diversas “tribos” existentes na atualidade.

É da família a responsabilidade de criar um ser completo não só fisicamente, mas em especial no que concerne ao emocional. Cabe a família não abrir mão de nutrir seus filhos com seus valores e afetividade.

De modo consciente, a família não deve se limitar a dar educação aos seus filhos, mas ensiná-los a serem *pessoas*. Ou seja, o mais importante é não se afastar emocionalmente dos filhos, e desta forma, estes não precisarão buscar em fontes alheias o carinho, a atenção e os cuidados de que necessitam.

Caberia perguntar: como enfrentar as situações de abandono? Existe, então, um lugar para seguir adiante?

⁵⁵ HEIDEGGER. Martin. **O ser e o tempo**. Coleção os Pensadores.

2.1.1 Fuga e Proteção

O que é a complexidade? Somos seres complexos?

Para Pierre Levy⁵⁶, em primeiro lugar, essa idéia implica uma multidão incontável de circuitos causais entremeados a uma profusão de acontecimentos. Pensemos, por exemplo, na interação das moléculas de ar que respiramos, no metabolismo de nosso próprio corpo, na vida da biosfera ou na história da cultura humana. Os sistemas complexos são interligados por uma rede causal, cujos anéis exploram as ordens de grandeza até uma interdependência definitiva e não conhecida.

A complexidade implica a noção de transformação ontológica, de mudança radical. Ela abrange não apenas o surgimento e o desaparecimento de indivíduos, mas também o aparecimento de novos tipos de seres e a aniquilação de espécies inteiras. Essa impermanência radical conduz a diferenças de duração. Ela permite que subsistam, em meio ao domínio geral, pequenas ilhotas mais ou menos estáveis, memórias mais ou menos longas. Hoje atribuímos o nome de evolução a esse acúmulo do durável, ou a essa reiteração do reproduzível, que nossos ancestrais chamavam de criação.

No processo de desenvolvimento da adolescência, onde se busca a autoafirmação do ser, que vem cercada pela necessidade de identidade e identificação com o mundo, evidenciam-se perguntas, as mais variadas possíveis, no sentido de como se adaptar à sociedade sem infringir os conceitos e os valores familiares.

Na busca da afirmação da sua identidade, as dificuldades de relacionamento com a família tornam-se poderosos agentes de ligações na adolescência. Os adolescentes passam mais tempo com seus amigos que com sua família. No entanto, os valores fundamentais da maioria dos adolescentes permanecem parecidos com os dos seus pais. Mesmo quando eles buscam a companhia e a intimidade com seus pares, procuram nos pais sua base segura, na qual podem fundamentar sua própria liberdade.

⁵⁶ **Pierre Lévy**, 47, é titular da cadeira de pesquisa em inteligência coletiva da Universidade de Ottawa e membro da Sociedade Real do Canadá (Academia Canadense de Ciências e Humanidades)

A rebeldia, envolvendo turbulência emocional, alienação da sociedade adulta, comportamento imprudente e rejeição dos valores sócio-morais, dentre outros fatores, constitui um “quadro caótico” e favorável à manifestação da conduta transgressora do adolescente. Os conflitos com a família neste período podem ser atenuados se estiver assegurado o direito do adolescente em se relacionar com um grupo que interfira positivamente em suas decisões. Surge, então, como opção positiva, os grupos juvenis, seja no contexto escolar, como os “Grêmios Estudantis”, ou no contexto religioso, como “Grupos Jovens”, ou mesmo os grupos de Culturas Juvenis, próprios de uma época. A análise desses grupos oferecerá uma alternativa para as famílias se adaptarem à adolescência e fará a diferença na relação dos adolescentes com seus familiares.

3 LUGAR DE REFÚGIO: FORMAÇÃO DE GRUPOS

Os grupos juvenis, conforme Mead⁵⁷ (1968), têm papel central na socialização dos jovens, sendo os primeiros espaços em que as pessoas participam como iguais, pois “antes de atingir a idade de seis ou sete anos, a criança se associa muito pouco a outras da mesma geração”.

A partir dessa idade, começa a formar grupos dirigidos de acordo com as categorias de sexo, abrindo-se aos outros e constituindo sua própria identidade. E, conforme René Fau⁵⁸ (1968, p. 44-46), “é na procura de sua autonomia interior, independente das circunstâncias, que o adolescente percebe a necessidade imperiosa de se agregar a um grupo”.

⁵⁷ MEAD, Margaret. A jovem de Samoa e seu grupo de idade. Trad. de Esperança Lourdes de Franco Netto. In: BRITO, Sulamita (org.). **Sociologia da juventude**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968. p. 31-41. V.3.

⁵⁸ FAU, René. Características gerais do grupo durante a adolescência. Trad. de Narciso José de Melo Teixeira e Luís Cláudio Figueiredo. In: BRITO, Sulamita (org.). **Sociologia da juventude**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, p. 43-46. V..

Mas este grupo é essencialmente transitório, fragmentário e limitativo, porque responde à exigência fundamental da adolescência: individualização e autonomia.

Os grupos juvenis são referência para canalizar a agressividade, através dos quais muitos adolescentes se expressam. René Fau afirma que o grupo “absorve a força viva do adolescente, deriva durante um tempo e neutraliza o impulso sexual; com os anos, esse impulso torna-se o mais forte e, quando se fixa e se exterioriza, destrói o grupo, abandonado por seus membros”. Um amigo casado é um amigo perdido. (FAU, 1968, p.44-46)

Normalmente os grupos se formam a partir de objetivos comuns como jogar futebol, vôlei, praticar skate, trocar figurinhas, entrar em comunidades eletrônicas, e tem por função assegurar uma relativa independência em relação à família e ao mundo dos adultos, criar condições para uma “aprovação dos pares”. A sua precariedade (grupo informal) não lhe permite ser referência mais estável.

Contudo, ao fechar-se em si mesmos, constituem-se como *gangues*, *galeras* ou *tribos*. Waiselfisz⁵⁹ (1998), fazendo uma distinção entre gangs e galeras, afirma:

[Gangues são grupos] constituídos nas quadras, e seus integrantes se conhecem desde a infância. Bebida e drogas são correntemente utilizadas. Bater nas pessoas e guerrear por território são práticas que fazem parte de sua rotina (...) A galera, por sua vez, é entendida como um grupo de jovens que se reúne para sair, para se divertir e, eventualmente, “para consumir e mexer com droga”. Muitas vezes serve de proteção aos moradores das quadras, fazendo justiça com as próprias mãos e não admitindo intrusos nos arredores (p. 41)

Essas atitudes também são referidas pela pesquisadora Kelma Socorro Lopes de Matos (2003), na sua tese sobre *Juventude, professores e escola*, ao apontar os amigos como “influência” na iniciação ao fumo e à bebida.

Nesse caso, embora continuem convivendo, dizem que a amizade não é algo tão bom assim. Põem a responsabilidade dos seus atos sobre os seus pares, justificando-se: “os jovens não pensam muito...” O amigo é também cúmplice, principalmente nos erros (MATOS, 2003, p. 52)⁶⁰.

Ainda que os jovens indiquem influência negativa do grupinho de amigos, segundo Matos (2003, p. 53), ele procura preservar o grupo, chamando atenção que

⁵⁹ WAISELFISZ, Júlio Jacobo (Coord.). **Juventude, violência e cidadania**: os jovens de Brasília. São Paulo: Cortez, 1998.

⁶⁰ MATOS, 2003.

a “grande maioria dos pesquisadores diverge dessas opiniões e assegura que ter amigos é algo muito bom”⁶¹.

Para Eisenstadt (1976, p. 75)⁶² os grupos juvenis informais geralmente organizam-se dentro da vizinhança, dentro das escolas ou em espaços religiosos, entre rapazes ou moças de um certa faixa etária e podem desenvolver uma forte, embora informal, organização, com ritos secretos e responsabilidades de cada um dos membros. Segundo o autor, essas organizações juvenis ampliaram-se com o desenvolvimento da industrialização, sistemas políticos modernos e com a crescente limitação da ação da família. Além disso, “ficaram muito mais solidárias e conscientes de si mesmas; tornaram-se cada vez mais importantes na vida de seus membros e da comunidade como um todo” (EISENSTADT, 1976, p. 154)⁶³.

Expressões como galera, turma ou tribos designam grupos de relativa organização interna, estruturados em torno de suas áreas de residência (bairro, morro, rua, esquina, comunidade de interior) ou de interesse (grupo de leitura, galera da pizza, do skate, comunidades etc.).

Sandoval (2002, p. 112)⁶⁴ se refere aos grupos juvenis informais como espaços onde é possível vislumbrar sinais da cultura jovem, possibilitando a formação das relações sociais, sem chegar a construir associações cidadãs, senão grupos destinados a expressar suas idéias, inquietudes, interesses, desejos e descrenças com o mundo institucional. As ações destes grupos se dão por um interesse situacional e muitas vezes contra a ética estabelecida. Segundo ele,

Son los grupos de amigos que se juntan en las esquinas, beben alcohol, fuman marihuana o pasta-base, se emborrachan, “*se expresan*”. Son los amigos que van juntos al Estadio y ritualizan su expresión en las Barras Bravas. Es la expresión que adopta su forma perversa en las pandillas juveniles y en las sectas satánicas (SANDOVAL, 2002, p. 287).

Essas atitudes levam a outras que são tão comuns no cotidiano das famílias: “os pais devem ter muito cuidado com quem anda com seus filhos”; “A escola deve

⁶¹ MATOS, 2003.

⁶² EISENSTADT, S. N. **De geração a geração**. São Paulo: Perspectiva, 1956/1976. p. 75.

⁶³ IBDEM, p.154

⁶⁴ SANDOVAL, Mario APUD HAMMES, Lúcio Jorge. Os grupos juvenis e os aprendizados de convivência. **Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul**. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2004. p. 149.

evitar a formação de grupinhos...”; “A igreja deve ficar de olho no que fazem esses grupos”, em especial, se não estão tramando contra os seus líderes.

A imprensa, no afã de ganhar popularidade, afirma: “achamos que este crime tem a ver com gangues” ou, “crimes envolvendo gangues” (SÁNCHEZ-JANKOWSKI, 1997, p. 182) ⁶⁵. Essas são as versões negativas dos “adultos” em relação às ações das juventudes e dos grupos jovens. Muitas são as situações que envolvem esses grupos. Não são observadas a relação que é travada a partir do agrupamento desses jovens.

Nesse sentido, a juventude aparece estereotipada como delinqüente, que permanece necessitada de vigilância e supervisão, inclusive em relação à afetividade e sexualidade ⁶⁶. Surgem dessa fase várias publicações sobre adolescentes, como *Adolescence*, do psicólogo G. Stanley Hall, “concebendo uma apologia do treinamento militar como a atividade que melhor poderia realizar as potencialidades dos jovens americanos e respeitar as especificidades deles” (DICK 2003, p. 227) ⁶⁷. O entorno das necessidades dos jovens não está apenas em transgredir, mas somar conteúdos de formação e força de laços afetivos.

Com a industrialização, surge também a “crise de aprendizagem” e o desenvolvimento do sistema educacional, especialmente por causa das mutações tecnológicas e o surgimento de ofícios diversos. Torna-se difícil para os jovens assumir trabalhos, porque as empresas não oferecem espaço para aprender. Só nas pequenas indústrias ainda “podem ser aproveitados pelo patrão que vigia ele próprio o trabalho” (PERROT, 1996, p. 106) ⁶⁸. A autora descreve a universalização do sistema escolar, a partir de um relatório do movimento operário francês de 1877:

A aprendizagem está em vias de decadência. O remédio? Uma rede de escolas profissionais sustentadas pelo Estado, pois “a pobreza dos pais é grande e não lhes permitiria sequer pagar uma pensão suficiente para cobrir as simples

⁶⁵ SÁNCHEZ-JANKOWSKI, Martín. As Ganges e a imprensa: a produção de um mito nacional. *Juventude e Contemporaneidade. Revista Brasileira de Educação*, São Paulo: ANPED, n. 5 e 6, p. 180-198, 1997.

⁶⁶ As expressões como “delinqüência juvenil” e “cultura jovem” aparecem nos Estados Unidos, principalmente depois da revolta na Universidade de Berkley, em 1964. Dick (2003, p. 227) descreve a preocupação da psicologia com os adolescentes que giravam em dois pólos: “ou a exigência de liberdade e possibilidades de auto governo a eles ou a uniformizar, coletivizar e restituir ao social os impulsos criativos juvenis”.

⁶⁷ DICK, Hilário. **Gritos silenciados, mas evidentes**: jovens construindo juventude na história. São Paulo: Loyola, 2003.

⁶⁸ PERROT, Michelle. A juventude operária. da oficina à fábrica. In: LEVI, Giovanni e SCHMITT, Jean-Claude (org.). **História dos jovens**. (trad.: Cláudio Marcondes, Nilson Moulin e Paulo Neves). São Paulo: Companhia das Letras, 1996.p. 106-107. V.1 2.

despesas com o ensino”. O movimento operário não diz outra coisa, desenvolvendo, de congresso em congresso, um verdadeiro “pensamento sobre a educação”. Ele reivindica, sobretudo, um “ensino integral” que não sacrifique nem a cultura geral que faz o cidadão, o operário completo; um ensino que jamais dissocie a teoria e a prática. O adolescente que experimenta no mesmo dia um fenômeno cuja teoria estudou, honra em sua justa medida o labor do operário, suas mãos (PERROT, 1996, p. 106 e 107).

Surge o século XX, que é marcado pela extrema valorização da cultura juvenil provocada, especialmente pelos movimentos juvenis da Alemanha (Wandervogel, depois hitlerista), da Inglaterra (scouts), Itália (fascismo) e Rússia (juventudes comunistas). Ser jovem passou a ser símbolo de novidade e a juventude adquiria força de transformação social. Talvez as barricadas do maio parisiense de 1968 sejam o melhor ícone da juventude, que se instituía como força de transformação social.

O Brasil acompanha este fenômeno com a ampliação do acesso às escolas e universidade; a organização inicial da “Juventude Brasileira”, ao molde da “Juventude Hitlerista” (MARTINS NUNES, 1992), como instrumento do Estado (1937-1945) na era Vargas; a organização dos clubes 4-S nas décadas de 1960 e 1970 com inspiração nos 4-H norte-americanos patrocinados pelo governo brasileiro (AZEVEDO, 2002, p. 20); a organização da Ação Católica, com o impulso do papa Pio XI para a “formação de leigos que se organizavam como homens, mulheres, rapazes e moças, preparando-se para salvar a humanidade do ateísmo” (DICK, 2003, p. 238)⁶⁹ nos anos de 1930. Este ato evoluiu na sua articulação para uma “Ação Católica Especializada”, trabalhando com jovens nos seus meios sociais específicos (escolas, universidade, fábrica e campo), na perspectiva do protagonismo juvenil até 1966, quando perde o apoio da Igreja e sofre dura perseguição da ditadura militar que se implantou no país.

Isso supõe a possibilidade de observar a juventude como etapa da vida que tem suas próprias oportunidades, limitações e empoderamento, entendendo-a não somente como um período de moratória e preparação para a vida adulta e o desempenho de papéis pré-estabelecidos, mas essencialmente como etapa de desenvolvimento do poder que exerce essa juventude.

⁶⁹ DICK, 2003

Considerando todos os eventos que envolvem os jovens, pode-se assinalar que o processo que conduz à construção de identidade se configura como um dos elementos característicos e nucleares do período juvenil. Esse processo se associa a condicionantes individuais, familiares, sociais, culturais e históricos determinadas. Há também uma busca constante de reconhecimento de si mesmo num coletivo maior, em grupo social que define e que determina, por sua vez, ao compartilhar uma situação comum de convivência.

A convivência em grupos, afiliada ou não a uma organização formal (escola, ONG, organização religiosa ou esportiva), possibilita o desenvolvimento de *aprendizados de convivência* através da partilha de idéias, estudos e assumindo juntos os conflitos, as vitórias e derrotas, reconhecendo sua individualidade e colocando o grupo como referência e apoio para a afirmação pessoal e a construção da utopia possível.⁷⁰ Tais grupos, tendo a convivência como base para o desenvolvimento de aprendizados – com objetivos comuns e uma metodologia que valoriza o processo histórico, a situação de cada um dos participantes e o desenvolvimento pessoal e comunitário – podem tornar-se referência importante para a participação social de modo mais amplo.

Os grupos passam a ser espaço de pertencimento e representação de seu ser jovem. Em muitas situações são alternativas de ação ou canal de participação na sociedade. Nesse sentido, também os grupos se adaptam para acolher as aspirações dos jovens, pois os motivos pelos quais os indivíduos participam são os mais variados, e o fazem conscientes de suas diferenças, próximos ou mesmo intimamente ligados. O que os une são justamente as relações próximas e significativas.

⁷⁰ BOURDIEU, Pierre. Escritos de educação. Petrópolis: Vozes, 1998.

3.1 A PROBLEMÁTICA DOS GRUPOS

Considerando que, de modo geral, as pesquisas apontam o grupo como referência importante para assumir atitudes coletivas, e sabendo que a proposta de formação da Juventude a partir dos grupos está perdendo vigor em ambientes que historicamente valorizavam estas organizações como experiência básica de formação (igreja católica, sindicatos, cooperativas, etc.), não houve, paradoxalmente, o acolhimento nos âmbitos da academia ou das instituições de ensino.

No entanto, levando-se em consideração a história dos grupos juvenis e a visão do jovem como sujeito em formação, existe um desejo de aprofundar a interlocução com uma cultura juvenil, em especial a que tem utilizado a Internet como difusora dos seus conceitos e tem atraído, desta forma, uma parcela significativa da população jovem, produzindo socialização. Pretende-se conhecer melhor esse jovem participante da comunidade *Emocore*, identificando a contribuição (ou não) desse grupo na construção de capital social das comunidades, e as suas relações familiares e religiosas.

A pergunta que se impõe é: “O que leva a participação nos grupos de jovens?” Essa questão, muitas vezes feita aos responsáveis⁷¹ pelos grupos juvenis, já foi tema de pesquisa para pesquisadores como Eisenstadt (1968) e Sousa (1999), que revelaram importantes aprendizados produzidos para a convivência nos grupos. Os aprendizados podem ser qualificados? Sabe-se que os aprendizados “oficialmente escolarizados” são valorizados com boletins, notas e títulos, mas e os aprendizados realizados nos grupos juvenis de convivência?

A pergunta persiste: A que leva este processo? Como sente um *emocore*? Como as famílias lidam com seu jeito diferente de ver a vida?

Estudos como os de Kliksberg (1999), Eisenstadt (1968), Fau (1968), Sousa (1999) e Putnam (1995 e 2003) revelam que no grupo, além de aprender a conviver, o jovem adquire capacidades que contribuem para o desenvolvimento pessoal e comunitário.

⁷¹ Nesta pesquisa usamos a categoria “responsáveis” para designar as pessoas que têm como função (pela opção pessoal e oficializada pelas organizações) trabalhar em prol dos grupos juvenis: líderes coordenadores, etc.

É possível perceber a dependência gerada num grupo. Muitos adolescentes passam a viver em função do grupo, agindo de acordo com as regras deste para se sentir parte integrante do todo. É preocupante essa relação de total dependência no grupo. É importante viver em comunidade, respeitando suas regras, mas não se pode anular outros conceitos e valores em detrimento do grupo. Alguns assumem totalmente a identidade do grupo e passam a defender sua postura e seus valores, transgredindo inclusive toda uma formação anterior, oferecida pela família. O apoio e a presença da família é extremamente importante para a construção permanente da afetividade, pois influencia diretamente no desenvolvimento integral do adolescente, na formação do seu caráter, preparando-o para enfrentar as solitudes da vida e oferecendo-lhe segurança para permanecer ao lado dos pais, sem a necessidade de interferências de outrem.

Além disso, fala-se tanto em proteção da família, dos seus direitos, mas será que a família é sempre um lugar gostoso, seguro, confortável para se estar? Esta pergunta nos remete a uma pesquisa sobre cultura juvenil, em especial, a cultura EMOCORE, que observaremos a seguir. É possível descobrir as necessidades do adolescente em permanecer na comunidade EMO? Como vivem, o que passam, como passam e o que sofrem na comunidade?

3.1.1 HISTÓRIA DOS EMOS: “EMOTIONAL HADCORE”

O estar em grupos representa, em muitos casos, a segurança não encontrada na família. As análises aqui apresentadas justificam significativas ausências de afetividade por parte da família e relata a ação dos grupos juvenis na atualidade.

As tribos estão se formando e – pasmem - dentro dos espaços religiosos. É fácil se perguntar: Como é possível? Como nasceu esse grupo e que influência exerce na adolescência e juventude? Como se apresentam e quais são as suas necessidades?

A história dos emos e como vivem serão relatadas no trabalho e pesquisa feita com um pequeno grupo, ainda sem grandes respostas devido ao pouco tempo de existência e às limitações.

Limitações quanto ao sigilo e ausência de aceitação pela sociedade. Eles estão cada dia mais fortalecidos no grupo, mas não são aceitos pela sociedade. Passo a relatar um pouco da história dos EMOS.

Essa nova tribo que está tomando conta das ruas das grandes cidades brasileiras são os emos. O nome vem de emotional hardcore, vertente do punk que mescla som pesado com letras românticas. Mas o que distingue os emos não é só a música, e sim as atitudes. Eles têm entre 11 e 18 anos e, nas roupas, são capazes de misturar as botas do punk, o colar de Wilma, a mulher de Fred Flintstone, e uma camiseta com a gatinha Hello Kitty. Não escondem os sentimentos, expressam abertamente suas emoções, preconizam e praticam a tolerância sexual. A apologia à tristeza pode esconder traços depressivos dos participantes.

Com um tom dos góticos e darks da década de 80, os Emos são a mais recente tribo dos centros urbanos. Batizado a partir da abreviação da palavra inglesa emotional, o movimento ganhou força entre os jovens brasileiros em 2003, em São Paulo, e depois se espalhou por todo o País. "Podemos reconhecer um integrante pelas roupas exóticas, sempre em cores escuras como preto e roxo. Há também um estilo próprio de cabelo e maquiagem", descreve a hebeatra Mônica Mulatinho, da CIA do Adolescente em Brasília-DF.

O gênero emocore nasceu em Washington, na década de 80, para designar bandas que tocavam letras introspectivas, com batida pesada. Hoje, as principais

são Good Charlotte, The Used e My Chemical Romance. 'É uma vertente do hardcore, por sua vez fruto do punk. Mas os punks têm letras políticas, enquanto as composições emos falam do que os adolescentes sentem', diz Marco Badin, dono da casa noturna Hangar 110. Essa é a chave do sucesso do emocore. Emos são expansivos. Gostam de trocar elogios, abraços e beijos em público. Ainda que não tenham um relacionamento, amigas emos se chamam de 'maridas'. Segundo o grupo EMO entrevistado na Instituição Confessional observada, o Colégio Batista Brasileiro em Salvador: "As pessoas precisam cada vez mais dizer e ouvir um 'eu te amo'".

Esse tipo de comportamento tem alarmado muitos pais, assustado educadores e líderes religiosos. "Estranhei quando ele começou a pintar os olhos e as unhas", 'Fiquei deprimida quando ele me contou. Mas, mesmo sem aceitar, respeito a opção dele' - relata uma professora da Instituição.

Também há um enorme preconceito contra a tribo. Não é incomum que os emos sejam insultados ou até agredidos por outros jovens. Na Galeria do Rock, em São Paulo, onde se reúnem às sextas-feiras, são freqüentes arrastões em que a garotada, perplexa, é expulsa do local a tapas por punks mais velhos .

Avessa a qualquer tipo de rotulação, especialmente no trato com jovens, que estão em plena transformação, a médica não pôde deixar de notar um traço forte entre os adeptos do movimento. "Há uma apologia à tristeza no discurso dos emos, a melancolia é quase um estilo de vida para eles. Tudo bem, quando se trata apenas de uma atitude de contestação. Mas a questão preocupa quando isso esconde alterações de ordem psíquica", esclarece a médica.

Os próprios donos das lojas desconfiam da presença infanto-juvenil, dizem que os emos espantam fregueses. Na escola, a discriminação também é forte. Um adolescente emo de um tradicional colégio paulista foi alvo de agressão dentro da escola depois de publicar no Orkut uma foto em que beijava um colega. Teve de sair da escola e hoje está em intercâmbio na Europa. 'Na rua, tem gente que me chama de sapatão', diz a emo Laura Battaglia, de 14 anos. Os comentários mais maldosos ficam para os meninos. 'Já disseram que eu era gay e me chamaram de emocinha', diz Bruno Tonel, de 17 anos, de São Paulo. Ele diz namorar uma garota emo e afirma não se importar em ter amigos sexualmente flexíveis.

O estudo da cultura "Emo" traz um importante dado, no que se refere às ações desses grupos dentro das comunidades religiosas, e apresenta uma estrutura

de atividades mais atrativas do que as igrejas vêm propondo, apesar de todas as “diversões” presentes no espaço religioso.

É significativo o número de jovens membros dessa comunidade religiosa. Seus membros, na sua maioria jovens da própria Igreja, não sentem por parte dos seus líderes religiosos a manifestação dos sentimentos que brotam naturalmente, e se ocorre de vez em quando, logo é tratado como algo a se observar. Cuidado com os abraços exagerados, as trocas de carinho são vistas como algo “feio”, e muitos encaram isso como coisa do “demo”, descaracterizando assim a filosofia do próprio Cristo, que ensinava o Amor e a aproximação entre as pessoas, independentes de sua classe social, cor ou ideal. Por outro lado, a ausência de pais afetuosos é outro ponto em comum nos relatos dos participantes da comunidade religiosa observada. Muitos adolescentes sentem a ausência dos pais nas atividades religiosas. Comentam que a solidão e a ausência dos pais na vida deles, seja por excesso de trabalho ou simplesmente por não querer participar das atividades dos filhos, provocam uma sensação de tristeza e abandono dos seus desejos.

Nos relatos dos emocores entrevistados foi possível identificar essa mesma descaracterização da afetividade em seus pais e parentes. Observemos os relatos e a historicidade do grupo que se auto denomina “EMO Gospel”: eles se encontram nos shoppings de Salvador. O grupo é composto por adolescentes com históricos severos de perdas familiares, tais como separação dos pais, ausência da mãe e a não aceitação dos outros grupos ou tribos por conta de sua aparência.

Uma questão básica orientou a pesquisa, através da qual buscamos conhecer as motivações que levam os jovens a participar do grupo: “Por que você participa (ou participou) do grupo EMOCORE?”. As respostas das entrevistas permitiram distinguir diferentes motivos que levavam os jovens à participação nos grupos: a) razões pessoais, de cunho individual; b) razões familiares, relacionados a uma ausência sentida de pai ou mãe e c) razões sociais, relacionadas ao compromisso com a coletividade.

A Tabela 2 permite visualizar o conjunto das respostas dos Adolescentes.

Tabela 2 – Razões de engajamento nos grupos EMOCORE

Motivos	Organização			Total
	IBCA	CBB		
Sociais	22,2%	22,2%		29,6%
Familiares	66,7%	77,8%		63,0%
Pessoais	11,1%	-		7,4%
Total da coluna	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
Número de respostas	9	9	9	27

Fonte: Entrevistas em profundidade, 2007.1 Colégio Batista Brasileiro, e IBCA-Salvador.

Nota: As diferenças entre soma de parcelas e respectivos totais são provenientes do critério de arredondamento.

Sinal convencional utilizado: - Dado numérico igual a zero não resultante de arredondamento.

Motivações que levam ao engajamento nos grupos EMOCORES

Chamam atenção no conjunto das respostas as diferentes motivações que levam os jovens a entrar no grupo EMOCORE, com especial destaque para as motivações familiares, citadas por 63% dos entrevistados. Para 29,6% dos entrevistados, o social aparece como motivação importante e apenas 7,4% dos jovens destacam motivações pessoais, de cunho individual, que os levaram a entrar no grupo.

Uma análise referendada a cada um desses grupos revela que os mesmos não demonstram a mesma sensibilidade ao entrar no grupo. Os resultados parecem indicar que os jovens participantes do grupo vinculado ao EMOCORE têm uma consciência de sua necessidade afetiva, desenvolvida no relacionamento ou na ausência dele, algo que não acontece antes de entrar no grupo.

Em relação às *razões sociais*, os entrevistados indicam como justificativas de sua motivação principal para entrar no grupo de jovens, o interesse de “ajudar outras pessoas” a sentir o que eles sentem:

Eu gosto de abraçar e ser abraçado. Beijar e ser beijado. Quero que todos tenham o que passei a ter. *Gosto de ajudar as outras pessoas* e mostrar que o jovem tem condições de mudar e transformar, de agir e fazer as coisas diferentes e interessantes (EMO baiano).

Para outros 30% dos entrevistados, razões familiares, pela ausência de reservas acumuladas, aparecem como motivação principal. Participar do grupo de jovens é normal em algumas famílias ou em alguns ambientes, ou círculos de amizade.

Estas razões pessoais, de cunho individual, embora não citadas com tanta frequência, necessitam de um olhar especial, por causa da crescente valorização da individualidade e subjetividade na sociedade contemporânea, especialmente entre os mais jovens. Bajoit (2003) destaca profundas mudanças, referindo-se a elas com a expressão “Todo cambia”. Em relação à gestão da integração, o autor afirma:

Los individuos forjan sus expectativas identitarias escuchando los llamados del individuo hedonista, realizado y feliz. Pero en la práctica de las relaciones sociales viven otra realidad: los padres se divorcian, la escuela es selectiva y deben aferrarse a ella, la televisión los manipula y la publicidad los lleva al endeudamiento, los lazos afectivos son frágiles y obedecen al mercado del sexo, el mundo del trabajo es una jungla donde deben combatir por sobrevivir, las distracciones son alienantes. Es la otra visión del Individuo la que están llamados a realizarse: la del competidor y del consumidor (BAJOIT, 2003, p. 275).⁷²

⁷² BAJOIT, Guy. **Todo cambia**: análisis sociológico del cambio social y cultural en las sociedades contemporáneas. Santiago: LOM Ediciones, 2003. (Colección Escafandra)

Sandoval (2002), ao estudar os jovens do século XXI, constata que eles se fecham em si mesmos, com um discurso de desesperança e sequer pedem ajuda. Segundo este autor:

Dentro de éste hermetismo juvenil, la resolución de problemas se da también de manera individual, donde los jóvenes encuentran por sí solos la salida a su encrucijada. Resuelven sus problemas tras gestionar con independencia las formas viables para lograr sus objetivos (SANDOVAL, 2002, p. 301)⁷³.

As respostas à categoria “razões porque os jovens participam do grupo” podem ser consideradas como fatores que impulsionam a reflexão dos jovens na busca de si mesmos. Têm a ver com as experiências de vida, formação e com as opções cotidianas dos jovens e das organizações às quais se vinculam. Possivelmente trazem esta sensibilidade de outras convivências, mas as motivações são diferentes – algumas bem pessoais – exigindo uma reorganização pessoal e a mobilização do grupo para acolher a todos. “A gente se abraça porque é disso que mais precisamos nesta fase da vida. “E não recebemos isso dos outros”, diz Laura⁷⁴, de 14 anos.

Já que essa comunidade é parte integrante da sociedade religiosa de Salvador, as perguntas giraram em torno da música emo e a aceitação do grupo na própria Igreja. Como a adolescência evangélica tem visto a música e a presença EMOCORE em sua comunidade?

⁷³ SANDOVAL M., Mario. **Jóvenes del siglo XXI**: sujetos y Actores en una sociedad en cambio: Ediciones UCSH, 2002.

⁷⁴ “Laura” como todos os nomes das pesquisa dos EMOS são fictícios.

A tabela 3 nos oferece um olhar para as igreja evangélicas e sua perspectivas juvenil dos EMOCORES.

Gosto muito, é meu tipo de música favorita.	5% [6]
Apenas gosto	13% [14]
É mais uma modinha.	24% [26]
Não gosto.	7% [8]
Não gosto e não gosto de quem gosta.	1% [2]
Detesto e odeio quem gosta, se precisar bater em quem gosta, eu bato.	7% [8]
Não sei o que é EMO, pretendo descobrir aqui nessa entrevista	21% [23]
Não sei o que é EMO e nem quero saber	1% [12]
EMO é do DEMOOO!!!	15% [26]
Dados de grupos de adolescentes de Salvador, estudantes do Colégio Batista e freqüentadores da Igreja local.	

Esse tipo de comportamento tem alarmado muitos pais, educadores e pessoas em geral dentro da instituição religiosa. Muitos abraços em suas reuniões, exclusiva de adolescentes, têm chamado a atenção dos pais, educadores e líderes religiosos. Muitos têm retirado os seus filhos desses grupos à força, o que tem provocado revolta entre os outros adolescentes, emos ou não. A forma como se vestem e pintam os olhos de preto, dentro da comunidade religiosa, tem assustado e muitos pais estão perplexos com a maneira que seus filhos vêm se comportando.

Também há um enorme preconceito contra a tribo. É perceptível com muita clareza este fato nos shoppings e também quando se dirigem em público para se expressar. Há uma crítica muito forte em sua maneira de ser e de falar. Não é incomum que os emos sejam insultados ou até agredidos por outros adolescentes e jovens.

Em Salvador não há muitos registros de ocorrências destes acontecimentos. É evidente que a discriminação existe e que muitos são constrangidos diariamente, especialmente em locais públicos, escolas e comunidades religiosas.

Muitos dizem que a presença destes estereótipos da cultura infanto-juvenil agride a sociedade mais abastada, como se só os pobres fizessem parte da comunidade Emocore. Fica claro que os adolescentes da classe economicamente

mais favorecida são mais vulneráveis à inclusão nestas comunidades por não terem seus pais preocupados, atentos e afetivamente ligados a eles.

Para Regina de Assis⁷⁵, Doutora em Educação pela Universidade de Columbia, a tolerância é o traço de comportamento que distingue os emos de outros jovens. 'A atitude dos emos irrita outros jovens porque eles não temem os sentimentos, enquanto a maioria dos adolescentes busca afeto optando pela agressividade', diz. Há várias comunidades no Orkut dedicadas a atacar os emos. Os nomes de algumas beiram o bizarro, como "Hitler também era emo". Alguns fãs de música emocore afirmam que existem muitos 'paraguaiois' - gíria usada pela turma para caracterizar aqueles que se fazem passar por emos sem entender nada da cultura. Muitos nem gostam da música, mas adotam as roupas.

3.1.2 CARACTERÍSTICAS DE UM EMOCORE

1. Gostar de música emocore. O estilo mescla a batida hardcore com letras românticas.
2. Viver na internet e no Orkut. Todas as bandas emo brasileiras colocam suas composições em sites.
3. Ser emotivo. Os emos choram ouvindo músicas que falam de amores perdidos e rejeição dos pais.
4. Manifestarem demonstrações explícitas de carinho. Meninos e meninas se beijam, se abraçam em público, seja com pessoas do sexo oposto, seja com as do mesmo sexo.
5. Aceitar a opção sexual do outro, sem preconceitos.
6. Criticar pessoas violentas. Bater é altamente reprovável entre os emos
7. Escrever diários, poesias e músicas. Isso vale para meninas e meninos.
8. Usar roupas que mesclam a rebeldia punk com os ícones infantis. Meninas e meninos usam rosa.
9. Usar cabelos lisos com enormes franjas no rosto. Usadas somente de um lado, denotam certa ambigüidade sexual.

⁷⁵ Doutora em educação infantil pela Universidade de Columbia e ex-secretária municipal de Educação do Rio de Janeiro.

10. Não curtir drogas.

11. Lutar por um mundo sem violência, em que um dia todos se abracem sem parar.

12. Como outras tribos adolescentes, os emos têm linguagem própria.

13. Diminutivos - Trocam amor por amorzinho, lindo por lindinho, cão por cãozinho, e por aí vai.

14. Internetês - Conversam trocando letras e assassinando a gramática.

"Sabia que eu te amo?" Se transforma em "Xabia q eu ti amu?".

Paraguaios - Ou emos "posers", que não gostam da música, mas se vestem com as mesmas roupas da tribo.

Expressões EMOCORE:

"Oi, lindo!", "Oi, linda!" e "Que meeeigo!" ou "Que fooófis!!!", "Ela é minha marida" são os termos mais usados pelos emos.

É relativamente fácil identificar um emo, mesmo que nunca se tenha ouvido falar neles. A marca registrada está no cabelo, com franja usada em cima dos olhos, somente de um lado do rosto. O visual é a própria contradição da adolescência.

Ao mesmo tempo em que demonstram rebeldia, que aparece nas roupas pretas que usam, têm também uma vontade de se manter na infância, daí o uso dos ícones infantis.

Cria-se uma expectativa em torno da vivência nestes grupos adolescentes: O que os leva a identificar-se com esses grupos dentro das instituições religiosas se, *a priori*, a Igreja deveria muni-los de formação espiritual satisfatoriamente? O que passa é que as funções básicas da Igreja não atuam de modo eficaz, criando a necessidade de buscar em outros grupos a realização plena. Quais seriam esses conflitos causais entre igreja e adolescência? Seria uma questão de fé ou de ausências?

Papalia⁷⁶ afirma que os jovens vivenciam mais conflitos com seus familiares durante a adolescência por não verem manifestas as relações de afeto e compreensão por parte de seus pais. Percebe-se ainda que em função das rápidas transformações pelas quais passam nesse período, a adesão à cultura transgressora pode servir como estímulo para a dissociação dos ideais dos pais. A

⁷⁶ PAPALIA, Diane E; OLDS, Sally Wendkos; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento humano**. 8.ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. 888p.

criação dada pela família ajudará a formar um comportamento pró ou anti-social por atender ou deixar de atender às necessidades emocionais básicas da criança e do adolescente. Os resultados de uma educação ineficaz tende a se perpetuar por toda a vida. O adolescente não costuma “cair” em um grupo, é sua a prática de escolher seus iguais. Quanto menor for a atuação dos pais na formação do caráter do adolescente, maior será seu envolvimento com grupos diferentes do desejado pela família.

A autora apresenta dados estatísticos que em famílias afro-americanas, a religiosidade influencia os níveis de coesão e de conflitos familiares durante a adolescência. É a fé que vai mediar os conceitos familiares e a razão do adolescente, pois é na infância que as pré-imagens de Deus vão se formando e se estabelecendo como fundamento sólido. Essas imagens se compõem de nossas primeiras experiências de mutualidade. Para Fowler, essas pré-imagens são, na sua maioria, formas de linguagens, que antes dos conceitos, surgem como forma de consciência⁷⁷. É na infância que os sentimentos de coragem, afeto, amor, esperança e autonomia se juntam e fortalecem a adolescência. É a qualidade de todas essas emoções organizadas na infância que determinarão na adolescência o desenvolvimento da fé do adolescente.

E a fé entra como fator preponderante para debelar crises, regular emoções, reconhecer e lidar com nossos próprios sentimentos e com os sentimentos dos outros. James Fowler (1981,1989) define a fé como um modo de ver ou de conhecer o mundo. A fé para ele pode ser religiosa ou não: as pessoas podem ter fé em um deus, na ciência, na humanidade ou em uma causa à qual dão valor máximo e que dá sentido a sua vida. Ainda, a fé se desenvolve na interação com pessoas que amadurecem e também no elo do ambiente em que vivem.

As experiências, crises e problemas que nos desafiam ou perturbam o equilíbrio podem favorecer um salto para um estágio maior, ou melhor, para o ser humano. Aquele ser de relações necessita, para se sentir completo, da crença em algo que lhe impulse a ir além, e é a fé que dará o “empurrão” para responder questões da finitude do homem e da mulher.

Após compreender o papel dos grupos juvenis, e em especial como os EMOCORES se apresentam e atuam na juventude de modo exponencial entre

⁷⁷ FOWLER James, 1992. ,p.106.

adolescentes, fica a ansiedade de descobrir as respostas bíblicas acerca do abandono na juventude. Assim, passa-se a verificar, sob diferentes óticas, qual é a resposta que dará a Bíblia, como Escrito Sagrado, a estas e outras questões pertinentes.

4. A IGREJA SEU PAPEL COM A ADOLESCÊNCIA E A JUVENTUDE

Na conferência do Setor Juventude – CNBB dos Bispos do Brasil de 2006, foi definido o seguinte objetivo: Intensificar e fortalecer a ação evangelizadora da Igreja no mundo juvenil. A realidade da juventude clama por vida. “Conhecer os/as jovens é condição prévia para evangelizá-los/as. Não se pode amar nem evangelizar a quem não se conhece”. Precisamos aprender a considerar o jovem como “lugar teológico”. A cultura juvenil apresenta à Igreja uma novidade teológica. Com suas utopias, desafios e questionamentos, a juventude pós-moderna nos leva a crer em um novo lugar teológico onde Deus se revela. De fato, Deus nos fala pelos jovens. Precisamos aprender a considerar a juventude herdeira da epifania de Deus e testemunha dessa tradição. A igreja tem assumido realmente seu papel transformador?

A Igreja convida todos/as, nesta missão específica, a olhar a juventude com “olhar divino” e nos convoca para a defesa da vida, sendo sinais de Cristo, cuja missão Ele resumiu nestas palavras: “Eu vim para que todos tenham vida e vida em abundância”. (João 10.10). Não somente daqueles/as que estão em nossas comunidades, dioceses, movimentos eclesiais, pastorais, congregações, colégios, Universidades, dentre outros. Faz-se urgente que toda a Igreja renove a opção afetiva e efetiva pela juventude, na busca conjunta de propostas concretas, de modo que ela possa alegrar-se com a Boa Notícia do Evangelho.

É evidente, mais uma vez, a necessidade de reconhecer e renovar o compromisso histórico-identitário da proposta de evangelização, a partir das pastorais de juventude, assumidos pela Igreja Latino-Americana e brasileira, nestes últimos 30 anos, com atenção ao protagonismo juvenil, conforme recomendou Paulo VI e o Concílio Vaticano II: “O jovem é o melhor apóstolo do jovem”. Também os

bispos do Brasil - retomando a Conferência de Medellín - afirmaram que a Igreja quer “[...] dentro da pastoral de conjunto, uma autêntica pastoral de juventude, educando os jovens a partir de sua vida, permitindo-lhes plena participação na comunidade eclesial”.

Já nas concepções cristãs-evangélicas, a não identificação desses grupos e em especial dos “EMOs” em seu reduto, tem provocado para eles um “escandaloso comportamento”. É reconhecido que ficar fora dessa discussão tem produzido um afastamento de muitos jovens dos espaços religiosos.

4.1 O EDUCADOR E SUAS CONCEPÇÕES DE CRIANÇA E ADOLESCENTE.

No processo de formação para os educadores sociais deve estar contido um movimento de construção e desconstrução das suas concepções de criança e adolescente, que pode favorecer a manutenção ou transformação do pensamento dominante que classifica criança e adolescente pobres como “em perigo” ou “perigosos”.

Essa interpretação que os educadores fazem das crianças e dos adolescentes atendidos provavelmente não representa o que de fato eles sentem, percebem como prioridade e como forma de dar conta dessas necessidades. Portanto, é necessário um aprofundamento no conhecimento destes grupos de crianças e adolescentes de rua, uma vez que estes são heterogêneos e vão continuamente se modificando. Sabe-se, por exemplo, que há distinções entre os diversos grupos que moram em mocós de crianças e adolescentes e os que circulam sozinhos pelas ruas.

Para que um indivíduo seja um educador, é necessário que na sua formação possa tornar conhecido o que pensam esses grupos, ampliando e qualificando as vozes das pessoas atendidas e como explicam sua forma de conduzir a própria vida.

Os educadores devem buscar compreender o que fazem, para que serve ou a quem serve o seu fazer. Como afirma Paulo Freire (1987), o educador se constitui como tal quando trabalha com o educando, e a sua tarefa termina convertendo-se

também na tarefa através da qual ele se reeduca com o educando que ele educa. O educando educa mesmo que não esteja consciente deste ato. Dialeticamente, o ato específico de educar adolescentes comporta uma diferença importante de ser reconhecida e igualmente importante para que não seja antagonizada.

Apesar de perceberem que o processo educacional ocorre na vida, nas relações familiares, em grupos de amigos, nas relações profissionais, e que esses diferentes espaços foram construindo suas concepções de criança e de adolescente, é, portanto, na Educação que se encontram os diversos espaços nos quais acontecem as trocas no processo de ensino/aprendizagem. O educador que não valoriza o que sabe fazer e as formas de conhecimento que se produzem fora dos espaços considerados formais precisa, doravante, rever os seus conceitos acerca do ato educativo em si, bem como a promoção deste educar.

Nos depoimentos dos entrevistados, participantes ou egressos dos grupos de cultura juvenil sobre o processo de educação formal da juventude, os mesmos enfatizam a importância desta ação porque “aprendem coisas importantes”. Destacam também que a escola continua sendo um ambiente muito formal e que o grupo é informal e tem um jeito de educar e de aprender mais próximo. Segundo Freire ⁷⁸: “Em lugar de professor, com tradições fortemente “doadoras”, o coordenador de debates. Em lugar de aula discursiva, o diálogo. Em lugar de aluno, com tradições passivas, o participante do grupo”. (FREIRE, 1969, p. 111).

A melhor maneira de conhecer os jovens é fora do seu contexto escolar, e é no grupo alternativo que se tem maior afinidade e, conseqüentemente, uma maior aproximação de amizade. Não seria o caso de transformar as salas de aulas em espaços criativos, de aproximação e ou mesmo num grupo juvenil? Sem contar que os professores, por desconhecerem a real situação de vida de seus alunos, mantém dos mesmos uma distância aterrorizante, provocando assim uma lacuna entre os processos de formação desenvolvidos no grupo e na educação como um todo. Mais uma vez Freire ⁷⁹ adverte: “Não posso ser professor se não percebo cada vez melhor que, por não poder ser neutra, minha prática exige de mim uma definição”.

⁷⁸ FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

⁷⁹ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa, 35 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996 p.102.

No entanto, já é possível vislumbrar um ‘fio’ de esperança e reconhecimento, traçado a partir das novas relações que estão se estabelecendo também nas escolas.

Os entrevistados vinculados às três organizações pontuam com bastante ênfase que tanto na escola como no grupo, aprendem coisas importantes. Destacam que há aprendizados fundamentais que se desenvolvem nos dois ambientes – grupos e escola – que são de naturezas diferentes, mas complementares e significativos.

Observa-se que a escola caminha de forma tímida, mas significativa, transformando seus saberes e agregando valores aos grupos. A adolescência, por sua vez, trabalha com sua individualidade transformadora, enquanto que os espaços religiosos ainda buscam encontrar-se no que diz respeito ao abandono. Como identificar, então, as soluções para os abandonos e a cura para a alma ferida? Seria a Bíblia o norte para a elucidação destas questões? Ao analisar o Texto Sagrado, é possível perceber diversos casos de abandono e suas conseqüências para a vida, mas é possível também identificar o caminho da cura para a alma.

4.2 DOR E O SOFRIMENTO: FERIDAS ABERTAS, FERIDAS CURADAS: ISMAEL E AGAR

O abandono de crianças é um fenômeno verificado em todos os tempos, pelo menos no Ocidente. Histórias de abandono podem ser encontradas praticamente em todas as grandes civilizações da Antigüidade. A primeira regulamentação sobre abandono que se tem conhecimento data do II milênio a C., no código babilônico de Hamurábi.

No Antigo Testamento existem pelo menos duas histórias de abandono. Ismael, filho de Abraão, foi abandonado pela mãe Agar sob um arbusto no deserto, após terem sido expulsos. A história bíblica está em Gênesis 28.8-20. Num momento muito difícil, quando Agar sentiu-se abandonada, Deus apareceu e prometeu-lhe que ela e seu filho seriam protegidos por Ele. Não era simplesmente uma mãe que chorava no deserto por sobrevivência para o seu filho, mas uma serva de um homem que tinha sobre si a responsabilidade de gerar uma grande nação: a descendência de Abraão. Agar representava, naquele momento, todas as mulheres feridas e abandonadas não só da nação Israel, mas em todas as nações do mundo. Ali estava explícita a dor de quem não sabe como curar-se da dor mais penosa do ser humano: a rejeição. Quando tudo parecia morte ela busca, como último fio de esperança, a fé. Busca no Deus de seu senhor Abraão o “Ungüento” para minimizar sua dor e encontra nELE cura, prosperidade e acolhimento.

Moisés foi colocado em um cesto pela mãe, no rio Nilo, e acolhido pela filha do faraó. Para ambos, a história de abandono tornou possível que seus destinos de líderes do povo se cumprissem.

A mitologia, na Grécia clássica, descreve inúmeros casos de crianças abandonadas. Um dos mais conhecidos é o de Édipo, filho de Jocasta e Laio, abandonado a mando do pai no monte Citeron.

Na Grécia, assim como em Roma, o poder do pai sobre os filhos era supremo, sendo permitido vender, matar ou expor os filhos. O aborto era legítimo e o infanticídio, admitido.

Por lei, as crianças abandonadas não podiam ser tomadas como escravas, mas sim como servas. Outras eram submetidas a abusos ou estropiadas (furavam-lhe os olhos e quebravam-lhe os membros) para servirem como mendigos. Algumas eram transformadas em prostitutas ou eunucos.

O abandono não tinha, necessariamente, relação com a condição econômica. Muitas famílias abastadas expunham os filhos para não diluir a herança ou por desconfiar da fidelidade da esposa. O abandono dos filhos não era visto como crime, uma vez que o filho era propriedade do pai e este poderia dispor da prole conforme sua necessidade.

Os relatos da Toráh revelavam que a obediência a Deus, os preceitos morais e a conduta que o povo deveria ter significariam muito nas ações de benevolência de Deus para com o povo.

Fica a certeza de que para o abandonado, rejeitado, excluído ou mesmo o esquecido, há esperança. O Deus de Israel continua atuando através do Seu Filho Amado: Jesus Cristo. Ele que se fez carne e habitou entre pecadores, curando suas feridas psicossomáticas e espirituais. Levou consigo os cativos e deu vida aos excluídos de todas as sociedades, até os dias atuais.

5 CONCLUSÃO

Do que foi exposto, pode-se concluir que o abandono na infância e na adolescência tem causas diversas e conseqüências múltiplas. As causas variam desde o abandono da criança que não foi planejada, e por isso rejeitada e fadada às ruas, em sua grande maioria por mães adolescentes, que também sofreram ou sofrem algum tipo de abandono. Geralmente mães oriundas de famílias abandonadas – desde o abandono dos poderes públicos até o abandono psicológico – mesmo a criança estando dentro do núcleo familiar, encontra-se só, pela falta de diálogo com os pais, que pode ser por negligência ou por oportunidades perdidas em função da luta pela sobrevivência.

Como se vê, na exclusão social, a pobreza é um fator determinante no abandono da criança, que crescendo, será o adolescente abandonado, e que se sobreviver às drogas, à violência, à marginalização e a tantos outros estados de abandono, constituirá uma família abandonada, com potencial muito alto para gerar novos seres abandonados.

As conseqüências são jovens rebeldes, que fogem de casa no sentido literal da palavra, ou se isolam do grupo familiar e formam outros grupos sociais para se defender das agressões produzidas pelo distúrbio social, e em muitas das vezes tornam-se também agressores, chamando atenção para si, como os emos: “emotional hardcore”.

“A pátria é a família amplificada”, disse Rui Barbosa, portanto a família tem um papel fundamental na construção da sociedade. Se o útero materno gera um ser e o coloca na família, esta gera um ser e o coloca na sociedade. Assim, a família é o útero social, que poderá colocar bons indivíduos na sociedade, se for planejada assistida, educada, alimentada, empregada, dotada de momentos de lazer, de culto, dentre outras necessidades funcionais. Há uma interação entre seus membros e estes trocam experiências com outros grupos familiares, como a Igreja, o Estado e a Sociedade como um todo. Se a família é abandonada nos seus aspectos mais

básicos de sobrevivência, ela é um potencial de alto risco para ampliar uma sociedade doentia, conflituosa e desequilibrada.

Na adolescência, o indivíduo se depara com dificuldades, precisa tomar decisões e ser agente de maneira efetiva; se na infância aprendeu a caminhar fisicamente, agora chegou a vez do caminhar social, psicológica, política e economicamente, sobretudo nas famílias carentes, onde o adolescente tem que participar também na subsistência familiar.

Os obstáculos não superados geram conflitos de dimensões imprevisíveis, tão complexos quanto o tamanho do desequilíbrio familiar. O adolescente tem comportamento próprio distinto dos pais, vive em época diferente, é dotado de aptidões diferentes e possui costumes diferentes; nesta era globalizada, com a mídia interagindo diuturnamente, a influência dos meios de comunicação tem um papel decisivo, e muitos aderem às novas ondas como forma de pertencer a um grupo, identificando-se com ele, mas as suas raízes são a família, que às vezes não aceita este comportamento.

Tem-se aí um abismo, que pode resultar na solidão do adolescente, mesmo que este seja partícipe deste grupo familiar, haja vista que os diálogos são reduzidos pela incompatibilidade de ações. A fuga é inevitável, ou seja, física - propriamente dita - ou psicológica, daí a necessidade de agrupar-se entre os iguais, fazer as mesmas coisas, ter valor, ser reconhecido, ser ouvido, poder falar, ser influenciado e influenciar.

Contudo, se no lar estruturado há condição de diálogo, há família interativa, os membros têm seu papel específico e são respeitados nas suas condições, socializando-se com os demais componentes do grupo nos momentos oportunos, com aceitação recíproca, via de regra se estabelece um ambiente propício para a convivência.

Na família o indivíduo precisa encontrar condições de amar e ser amado, experimentar as primeiras relações sociais, amadurecer e harmonizar as mudanças decorrentes deste crescimento. Neste processo, as ações negativas promovem o escape do adolescente, que virá com manifestações sempre contrárias ao grupo familiar, ao ambiente que frequenta e transgredindo os padrões convencionalmente estabelecidos, como demonstrados no curso desta dissertação.

Uma destas manifestações se processa através da formação de grupos juvenis, como os emocores, grupo de adolescentes, com perfil próprio - agressivos

no estereótipo, mas emotivos no interior - confrontando os padrões estabelecidos na família, na igreja, na sociedade.

Na pesquisada realizada em Salvador, na IBCA e no CBB, a formação do grupo se deu em 63,0% dos casos por problemas de disfunção na família, segundo os adolescentes entrevistados. Este percentual confirma as teorias e reforça o papel preponderante do núcleo familiar na prevenção destes casos, no sentido de evitar a evasão dos jovens do núcleo familiar e procurar, de certa forma, responder aos seus anseios juvenis.

A caracterização do grupo é a necessidade afetiva, e neste, o pertencer é demonstrado pela exacerbada manifestação de carinho entre seus membros, independente de gênero, cor, raça ou classe social. Embora nas suas relações mais intimistas prefiram pessoas do mesmo gênero, o que também é outra característica do grupo, querem ajudar os outros a sentirem-se como eles mesmos se sentem: amados, cuidados e queridos. Na realidade não querem crescer, querem permanecer infantis, e demonstram isso na revolta com os pais, na ostensividade de suas roupas e pinturas pretas no rosto, nos ambientes que freqüentam em grupos, como shoppings e igrejas também.

Sendo a igreja uma extensão da sociedade, que reúne famílias e destas famílias os seus membros, deve considerá-os individualmente, praticando o exercício do acolhimento a fim de buscar uma alternativa para esta situação, que passa, em primeiro plano, pela família.

A base para ser cuidada, alimentada e amparada em primeiro plano é a família, e os indivíduos devem ser aceitos na igreja, quer nesta condição, quer nos grupos juvenis emos, sendo acompanhados e instruídos na Palavra Transformadora que é o Evangelho de Cristo. E neste caso, não se trata dos membros do grupo social "Igreja", mas dos membros do corpo de Cristo, em um patamar espiritual.

A igreja tem que se renovar, assim como a palavra de Deus se renova a cada dia; apesar dos modismos, da globalização e do tecnicismo, a palavra de Deus continua viva e transformadora. Deve-se haver um esforço para minimizar a situação distorcida de abandono no âmbito da organização social eclesial como grupo constituído, para que se cumpra a Palavra do Mestre, que disse: *"Eu vim para que todos tenham vida e vida em abundância"* (Jo 10. 10).

Esta afirmação nos faz olhar para todos sem discriminação alguma, quer de etnia, quer de gênero, quer de preferências sexuais, quer de costumes. *"Vim para*

todos”, em outras palavras, quer dizer: Emos, aqui estou para suprir sua carências, para entender seu medo do crescimento, suas angústias, seu abandono, sua rejeição, sua história. E *“tenham vida”*, vida física, de participação na sociedade, de aceitação no seio da família, de composição do corpo de Cristo com qualidade. A expressão *“vida em abundância”* transpõe o entendimento de vida secular e transcende o nosso entendimento, é um convite para a vida eterna, abundante, completa, plena. A igreja enquanto instituição tem o papel de afirmar, através da comunhão, que é amor, compreensão e aceitação às peculiaridades do indivíduo, mesmo que suas manifestações sejam aparentemente “contrárias” ao Reino de Deus.

O outro papel importante é o da escola. O educador pode ser resumido na assertiva de Paulo Freire, que diz que educar são duas vias, porque na medida que o educador estabelece contato com o educando, vê este sujeito nos seus aspectos sócio-psicológicos, e os detalhes não podem ficar para trás: a história do educando, seus hábitos atuais, a sua interação com o grupo e a influência recíproca que há entre estes. O educador precisa aprender com seu educando a sua linguagem, os seus costumes, a sua cultura. Deve entrar no mundo do educando, segurar em sua mão e percorrer ruas e avenidas, descortinar horizontes, atravessar rios e montanhas, visitar lugares sombrios e voltar à realidade, resgatando-o fortalecido com mais uma experiência de vida, mais um aprendizado, porque houve a identificação não só do problema apresentado por seu pupilo, mas sobretudo a identificação com este, recuperando a sua confiança e integrando-o no processo de aprendizagem social e escolar.

Por fim, se a sociedade é a soma das instituições definidas e organizadas, nas suas formas tradicionais e aceitas sem contestação, paralelamente não se pode duvidar de grupos que são criados, aqueles denominados de não tradicionais. Muitos destes são temporários, mas de grande influência na sociedade, quer interagindo com esta, quer rejeitando-a. De qualquer forma, compõem o cenário das mudanças sociais, resistindo ou promovendo conflitos. A família, a escola, a igreja, toda a sociedade, ao invés do antagonismo, deve buscar aproximação, o conhecimento e o aprendizado, pois a cura só se processa de forma efetiva a partir do contato com próximo, no uso do “remédio” que é o amor.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **Dogmatismo e tolerância**. São Paulo: Paulinas, 2002.
- BOFF, Leonardo. **Igreja, carisma e poder**. São Paulo: Record, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BOWLBY, John. **Uma base segura**: aplicações clínicas da teoria do apego. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- CARVALHO, Maria C. Brant.(Org). A família Contemporânea em debate, 7.ed. São Paulo: Cortez; 2006.
- DANTAS, Gisarla P. **Infância e abrigo: proteção integral ou desnatada?** 2006. Relato de aula apresentado no Programa de Pós-Graduação do Mestrado em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA – Salvador, 2006.
- DANTAS, Gisarla P. **Possibilidades e limites da brinquedoteca – sua utilização no contexto do desenvolvimento infantil**. 2006. 15 f. Artigo apresentado no Programa de Pós-Graduação do Mestrado em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA – Salvador, 2006.
- DICK, Hilário. **Gritos Silenciados, mas evidentes**, São Paulo: Loyola, 2003.
- _____. **O Divino no jovem**: elementos teológicos para a evangelização da cultura juvenil. Porto Alegre: Instituto de Pastoral de Juventude, [S.l.], 2004.
- DOWLING, Colette. **Complexo de Cinderela**. São Paulo: Melhoramentos, 2002.
- EISENSTADT, S. N. **De geração a geração**. São Paulo: Perspectiva, 1956/1976 (col. Estudos /41).
- FRANCO, Vera Lúcia. A psicologia da família. **Planeta**. São Paulo, n.360, set.2002
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

_____. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes necessários à prática educativa 35.ed. São Paulo: Paz e Terra,1996.

_____. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HAMMES, Lúcio Jorge. Os grupos juvenis e os aprendizados de convivência. **Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul.** Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2004.

KALOUTIAN, Silvio (Org). **Família Brasileira:** a base de tudo. 7. ed. São Paulo: Cortez; Brasília,DF: Unicef, 2005.

MORIN, E. **Jesus e as estruturas de seu tempo.** São Paulo: Paulinas,1982.

PAPALIA, Diane; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento humano.** 8.ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. 888p.

PERROT, Michelle. A juventude operária da oficina à fábrica. In: LEVI, Giovanni e SCHMITT, Jean-Claude (org.). **História dos jovens.** (trad.: Cláudio Marcondes, Nilson Moulin e Paulo Neves). São Paulo: Companhia das Letras, 1996. V. 2 (A época Contemporânea), p. 82-136.

RIZZO, Sergio. **E a família, como vai?** Educação. São Paulo: [S.n.], 1998.

STRECK, Valburga; SCHMIEDT, H.; SCHNEIDE, Christoph. **Imagens da Família:** dinâmica, conflitos e terapia do processo familiar. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

APÊNDICE- A**QUESTIONÁRIO****Dados de identificação****1 - Sexo:**Masc. Fem. **2 – Faixa etária:** _____**3 – Qual seu nível de escolaridade?** _____**Caracterização de grupo****1 – Participa de algum grupo?**Sim Não **2 - Há quanto tempo?** _____**3 – Desenvolve alguma liderança no grupo?**Sim Não

4 – Quais as razões que o levaram a participar do grupo?Problemas familiares Influência de amigos Outros Motivos **5 – Você se sente acolhido no grupo?**Sim Não **6 – Você se relaciona bem com as pessoas que não fazem parte do seu grupo?**Sim Não **7 – Como você caracteriza sua relação com sua família?**Excelente Boa Razoável Ruim
